

Afirmativa

plural

ANO 4 - Nº 19 - AFROBRAS / UNIPALMARES



Na força e na raça

Estátua em homenagem aos atletas afro-americanos Tommy Smith e John Carlos fazendo o gesto do Panteras Negras, nas Olimpíadas de 1968, em protesto contra o racismo nos EUA.





Unibanco. O banco pela internet mais rápido do Oeste, do Leste, do Nordeste, do Centro-Leste, do Norte, do Sudeste e do Sul.

O Unibanco é ágil até no computador. Isso porque, além de seguro, ele é simplesmente o banco pela internet mais rápido do país. Nele você faz consultas, investimentos e transações em um piscar de olhos. Sem enrolação, sem atraso e sem demora. Afinal, o Unibanco gosta de fazer bonito sempre que atende você. Até mesmo no atendimento virtual. Unibanco. Nem parece banco.

RNET

 **UNIBANCO**
Nem parece banco.

Entrevista Especial	
Orlando Silva	8
13 de Maio	
Outorga da Medalha Afro Brasileira	10
Entrevista Internacional	
O CEO da Cambridge	18
Cidadania	
Artigo Rebello Pinho	20
Artigo Luiz Flávio Borges D'Urso	22
Artigo Maria Célia Malaquias	24
Esporte	
A presença negra no Pan	25
Entrevista César Maia	34
Artigo Matilde Ribeiro	38
Artigo Gustavo Coimbra C. Cintra	40
Artigo Walter Feldman	42
Artigo Ricardo D'Angelo	44
Tiger Wood e irmãs Williams	48
Panteras Negras	50
Vôlei Brasil	54
Artigo Lica Oliveira	56
Perfil	
Adhemar Ferreira da Silva - O Atleta do Século	58
Carlos Nuzman	60

Índice



Estátua Comemorativa inaugurada em 1999, da Faculdade San José State, Califórnia, em homenagem ao gesto de protesto dos ex-alunos Tommy Smith, medalha de ouro e John Carlos, medalha de bronze, ambos no atletismo nas Olimpíadas de 1968.

Responsabilidade Social	
Fundação Finasa	62
Instituto Alpargatas	66
Educação	
Artigo Nelson Maculan	68
Artigo Gabriel Mário Rodrigues	70
Novos cursos na Unipalmares	72
Saúde	
Artigo Leônico Queiroz Neto	74
Artigo Karin Schmidt Rodrigues Massaro	76
Mercado de Trabalho	
Pesquisa OIT	78
Artigo Washington Grimas	80
Artigo Márcio Juliano	82
Plural	
Artigo Paulo Edgar A. Resende	84
Artigo Paiva Netto	86
Opinião	
Rosenildo Ferreira	88
Cultura	
Agenda Cultural	89
Palavra do presidente	
De fato e de direito	90

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e da Universidade Zumbi dos Palmares - Centro de Documentação, com periodicidade bimestral. Ano 4, Número 19 - Rua Washington Luiz, 236 - 3º andar - Luz - São Paulo/SP - Brasil - CEP 01033-010 - Tel.(55-11) 3228-1824.

Conselho Editorial: José Vicente, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Francisca Rodrigues, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Francisco Canindé Pegado do Nascimento, Jarbas Vargas Nascimento, Humberto Adami, Felice Cardinali, Sônia Guimarães. **Direção Editorial e Executiva:** Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14485 - francisca@afrobras.org.br); **Redação e Publicidade:** Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação (mim@maximagemmedia.com.br) Tel.(11) 3229-9554.

Editora: Zulmira Felicio (Mtb. 11.316 - zulmira.felicio@globo.com);

Redação: Demetrius Trindade (Mtb.30.177 - demetrius@afrobras.org.br); Douglas da Silva Souza (estagiário Web); **Fotografia:**

J. C. Santos, Cíntia Sanchez, divulgação. **Colaboradores:** Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br) e Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinheiro.com.br). **Capa:** Foto AP, trabalhada eletronicamente pela Alvo Propaganda.

Editoração eletrônica: Alvo Propaganda e Marketing (revistas@alvopm.com.br). **Impressão e Acabamento:** HR Gráfica e Editora.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras/Unipalmares. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

A determinação realiza o sonho

O esporte é um instrumento poderoso de educação e de formação de cidadãos. No período de 13 a 29 de julho, o Rio de Janeiro deverá receber 5.500 atletas, de 42 países para competirem nos Jogos Pan-Americanos de 2007, em um megaevento esportivo, uma consagração de talentos, uma confraternização de povos e raças. Infelizmente no esporte, nem todos pensam assim. Ações de racismo, de discriminação racial são mostradas pelo mundo afora, principalmente para atletas negros, mesmo quando suas qualidades se sobrepõem à sua cor.

Quem não se lembra dos problemas ocorridos na Copa do Mundo de 2006, obrigando a Fifa - Federação Internacional de Futebol -, a fazer ampla campanha de combate ao racismo?

a desigualdade racial nos Estados Unidos?

E o que falar de Adhemar Ferreira da Silva, um dos maiores atletas brasileiros de todos os tempos, que se consagrou pentacampeão sul-americano, tricampeão Pan-Americano, dez vezes campeão brasileiro e obteve mais de 40 títulos e troféus internacionais? E que ao não poder mais competir em função de problemas de saúde, deu uma virada em sua vida e deslanhou para os estudos? Formou-se em Belas Artes, Educação Física, Direito e Relações Públicas. Era poliglota, falava inglês, espanhol, italiano, alemão, francês, finlandês e japonês.

O que dizer ao saber que há apenas 17 anos todas as distâncias de 800 metros na maratona eram dominadas por europeus e que nos dias de hoje, a proporção de

Mas problemas à parte. O que dizer da nossa alegria quando vemos uma Daiane dos Santos, linda em seu corpo dançando, ou melhor, voando, na Ginástica Olímpica? O que dizer de nossa satisfação ao ver o baiano Edvaldo Valério (O Bala) se superando na natação? O que dizer de uma Vanessa e Serena Williams, no tênis? De um Tiger Woods no golfe?

Quem não se lembra da foto célebre dos atletas afro-americanos nos XIX Jogos Olímpicos, na Cidade do México (1968), Tommy Smith e John Carlos, que na hora de subir ao pódio para receber as medalhas, foram de punho erguido, cabibuscaixos e descalços, em protesto contra o racismo? Quem não se emociona até hoje ao ler a história ou ver a foto dos atletas de semblantes carregados e calados que começaram a erguer os braços com os punhos enluvados – sincronizados um com o outro – na saudação do black power para denunciar

atletas entre os 20 melhores do mundo está assim: 85% de africanos, dos quais 55,8% são quenianos e 11,7% de europeus?

Esses exemplos nos mostram que dando oportunidade, os negros são capazes de desempenhar qualquer função. E para ajudar o negro a quebrar mais barreiras, a Unipalmares abre as portas ao Esporte e Educação Física para seus alunos, cujo time irá representar a Universidade no cenário Estadual e Federal do nosso país, inicialmente na FUPE 2º semestre 2007. As primeiras modalidades são atletismo, basquetebol, futsal, handball, voleibol e judô.

Estão surgindo novos atletas e novos talentos serão descobertos.

Parabéns Brasil, parabéns Zumbi!

Boa Leitura a todos!

Francisca Rodrigues
Editora Executiva

ditorial

Foto: Cássio Vasconcellos

Bradescompleto

Mais de 18 milhões de mudas destinadas
para o reflorestamento da Mata Atlântica.

*Uma das 120 razões para
você ser cliente Bradesco.*

Vá até uma agência e se
informe sobre as razões ou
acesse o livro virtual na internet:

www.120razoes.com.br



Bradesco

Em uma área de muita beleza natural, Campinho da Independência localizada no município de Parati, ao sul do litoral do estado do Rio de Janeiro - a primeira comunidade de quilombola daquele Estado a ter suas terras tituladas, em 1999 -, terá o privilégio de receber a Tocha do Pan, que irá percorrer várias cidades brasileiras, no início do mês de julho. Nesse dia, em Campinho haverá a celebração do Jongo, manifestações culturais executadas por afro-descendentes em várias localidades no Estado do Rio de Janeiro que reúne percussão, dança e canto, em forma de poesia. Esta será uma das ações que visam chamar a atenção da população em geral para a cultura do País. "Durante o Pan, faremos diversas atividades, como os projetos *Valorizando Talentos*, que irá revelar uma parte da nossa cultura desportiva. O outro é o *Ginga Brasil*, que estimula a prática da Capoeira no País", divulga Orlando Silva de Jesus Júnior, Ministro dos Esportes.

A fim de valorizar a cultura negra, o Ministério do Esporte empreende algumas ações inclusive em parceria com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). "Afinal, o Brasil é um país mestiço, miscigenado e a presença negra é muito forte e, portanto, estará bem representada nas equipes esportivas." Orlando Silva acredita que, "em muitas modalidades, os atletas afro-descendentes terão uma boa participação. O esporte tem um espaço privilegiado para a afirmação da igualdade entre as raças. Talentos identificados, habilidades percebidas, desde que

festa do esporte brasileiro

grande

Por: Zulmira Felício - Editora

treinados e preparados alcançam excelente performance."

É certo que o Brasil espera que atletas negros e não-negros alcancem bons resultados nos Jogos. "O Pan será a oportunidade para ídolos negros ocuparem lugar importante na mídia e se tornarem referência para o nosso povo", diz o Ministro. "Até porque, no País, os negros ainda ocupam poucos lugares de destaque."

A realização do Pan e Parapan será a grande festa do esporte brasileiro. E os Jogos o momento oportuno de promoção do Brasil no exterior, inclusive do Rio de Janeiro, uma das portas de entrada do turismo brasileiro. Quarenta e dois países estarão representados por

mais de 5.500 atletas, disputando 34 modalidades. O Ministro Orlando Silva comemora: "O Pan é motivo de sobra para a América nos visitar, reforçando os contatos e a identificação desses países. São muitas e diversas as edições culturais, sobretudo da América Latina, que vão servir para o esforço que o presidente Lula vem fazendo a fim de liderar a construção de laços mais efetivos entre os países do nosso continente."

Na organização dos jogos estão envolvidos 21 ministérios, além de órgãos da Presidência da República, empresas públicas e autarquias. Sem dúvida, será a oportunidade de colocar o esporte na agenda nacional, gerar uma grande motivação para a prática de atividades físicas e, com isso, melhorar a qualidade de vida das pessoas. "Os nossos atletas estão motivados, se preparam para participar dos Jogos Pan-americanos, repercutindo na qualidade do nível técnico do esporte nacional. Mais do que tudo isso, a juventude vai ter uma referência muito forte no esporte. Duran-

te a realização dos jogos, jovens de norte a sul do Brasil vão acompanhar várias modalidades que eles conhecem e descobrir muitas outras”, completa Orlando Silva.

Para a realização dos Jogos Pan e Parapan-Americanos o Governo Federal está investindo cerca de R\$ 1,8 bilhão. Cada instalação será um espaço para formação de base dos atletas, para treino das equipes e sede de competições internacionais e nacionais que acontecerão no Rio de Janeiro. O Ministério dos Esportes se reuniu com o Comitê Olímpico Brasileiro para que junto às confederações houvesse um plano de ocupação das instalações. “A nossa expectativa é que os atletas possam utilizá-las para treinamento e competições futuras. É quase certo que teremos uma série de eventos internacionais nesses locais, o que vai otimizar o investimento feito”, justifica. O Ministro destaca a pouca tradição do setor privado brasileiro em investir em ações comerciais fora de seus segmentos específicos de atuação. Isto não é um privilégio somente do esporte, tampouco da cultura, nem da ciência ou da tecnologia. Neste sentido, observa-se certa timidez do empresariado do País. “Assim sendo, temos que aproveitar os benefícios da Lei de Incentivo ao Esporte e fazer um trabalho de sensibilização junto a esse público. É preciso mostrar ao empresário as vantagens dele associar sua marca aos valores como superação e vitória. São valores fundamentais, tanto para as atividades esportivas quanto para empresas que querem alcançar melhores resultados no mercado”, frisou.

A Lei de Incentivo está em fase de final de regulamentação. A previsão é de que entre em vigência o mais breve



Orlando Silva

possível para que se possa ter uma ampliação das fontes aplicadas ao esporte. Há um entusiasmo enorme no setor com a possibilidade do investimento privado, uma vez que o Estado, a União e os Municípios são os que financiam todas as atividades esportivas no País. A expectativa de técnicos, dirigentes, atletas e de todos os

envolvidos com o esporte é enorme. “Esperamos que a Lei de Incentivo possa incrementar o financiamento do esporte do Brasil, sobretudo para atingir nosso objetivo, que é democratizar o acesso ao esporte e lazer, melhorando a qualidade de vida do povo e trazendo o desenvolvimento para o País”, conclui. ■

13 de Maio

O que temos a comemorar?

Um estudo da Organização Internacional do Trabalho - OIT, revelou que o homem negro, com a mesma qualificação e nível educacional, recebe um terço menos do que o homem branco. A renda mediana para as negras foi de R\$ 316 por mês (2005), contra R\$ 632 para homens brancos. Homens e mulheres negros ganham menos do que os brancos, sem importar o nível educacional. Mesmo com estes números, a pesquisa aponta que a desigualdade de renda entre brancos e negros no Brasil caiu. A luta contra a discriminação no mundo do trabalho registra importantes progressos, mas continua sendo significativa e persistente a crescente desigualdade de rendimentos e oportunidades. Divulgado em maio,

às vésperas do dia 13 em que se comemorou os 119 anos de Abolição da Escravatura, o estudo também serviu de reflexão durante evento realizado no campus da Unipalmares para celebrar a data.

“A Afrobras aproveita o dia 13 de Maio, que para os negros não é de comemoração, mas de reflexão, para ampliar o debate sobre a questão racial no Brasil e para deixar para as futuras gerações, um porto seguro onde as pessoas, através da educação, aprendam a não discriminá”, disse José Vicente. A afirmação do reitor da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares - Unipalmares foi feita na abertura da cerimônia de outorga da Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro, quando

são destacadas personalidades que trabalham em prol da inclusão do negro na sociedade brasileira.

“Essa noite rememora 119 anos não apenas da libertação da raça negra, mas a libertação dos grilhões da ignorância. A conquista da igualdade formal não atingiu aquela igualdade que proporciona condições materiais para se manter igual. Aqui (na Unipalmares) eu consigo ver crescer a integração em harmonia sem confrontos. Essa Universidade deita raízes profundas e nós vamos colher.”, discursou Massami Uyeda, Ministro do Superior Tribunal de Justiça – STJ, um dos homenageados.

“Nós acreditamos que a diversidade engrandece o ambiente de trabalho”, disse Fábio Barbosa, Presidente da

// Nós acreditamos que a diversidade engrandece o ambiente de trabalho.

Fábio Barbosa



Fábio Barbosa, Presidente da FEBRABAN e Real ABN Amro



Eduardo Suplicy (Senador), Matilde Ribeiro (Ministra da Seppir) e Massami Uyeda (Ministro do STJ)



José Vicente com os diretores Júlio Alves Marques e José Luiz R. Bueno (Bradesco) e Mário Hélio (Fundação Bradesco)



Valéria Riccominni e Renata Tubini do Itaú

Federação Brasileira de Bancos – FEBRABAN – e do Banco Real ABN Amro. Como parceiros da Afrobras há muito tempo e falando em nome da Federação de Bancos, Barbosa agradeceu a homenagem recebida destacando que as instituições que trabalham com estagiários/*trainees* são prova de que estão na direção certa da inclusão e da igualdade de oportunidades.

“É difícil não se emocionar com esse reconhecimento ao participar dessa cerimônia, principalmente, porque eu saio daqui com uma responsabilidade muito maior: contribuir para criarmos um País mais digno, onde as pessoas possam ter oportunidades iguais,” disse Renata Tubini, Diretora de Desenvolvimento de Pessoas do Banco Itaú, também agraciada com a Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro. “Como o Bradesco nunca adotou nenhum tipo de discriminação, temos 10 mil afro-descendentes prestando serviços na organização. O nosso projeto de estagiários junto a Unipalmares finaliza agora em 2007. Esperamos que eles possam ser efetivados para ampliar ainda mais esses 10 mil funcionários”, acrescentou Milton Matsumoto, Diretor Executivo do Banco Bradesco que, juntamente, com Mário Hélio, Diretor da Fundação Bradesco foram condecorados.

“Eu costumo dizer que o 14 de maio é muito mais importante do que o dia 13, a noite mais longa que o negro já teve quando foram para as ruas, sem emprego e sem preparo nenhum. Por isso, é necessário refletir sobre esse pós Abolição. Ver a Unipalmares é ver o sonho de muita gente concretizado,” disse Mauro Raphael, Gerente de RH - Diversidade do Banco HSBC satisfeito ao receber sua Medalha.

Unipalmares e Seppir, vencendo desafios

A construção em poucos anos das duas entidades Unipalmares e Secretaria Especial de Políticas de Promoção e Igualdade Racial (Seppir) só é possível porque se aceitou esse desafio. Matilde Ribeiro, Ministra da Seppir, veio especialmente de Brasília para ser uma das pessoas homenageadas. Ela lembrou que o 13 de Maio tem significado muito importante para a vida brasileira. “Hoje 119 anos depois não podemos dizer que a liberdade foi concluída. Não temos que lembrar apenas como lamentos, para podermos valorizar o futuro. Essa iniciativa tem que se multiplicar com o conteúdo a partir do olhar da mudança de uma sociedade em que se insere todos nós, do jeito que somos.”

“Existem momentos na vida em que as palavras não exprimem os sentimentos. A gratidão é uma virtude, mas por si só acaba sendo um defeito. Há algum tempo perguntei para o Dr. Vicente o que eu poderia fazer pelos afro-descendentes e ele me disse: venha, se aproxime, se apresente e mostre para eles o que é possível. Digo isso com certeza: é possível”, lembrou Benedito Gonçalves, Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal/RJ, homenageado.

“Há muitos anos atrás, José Vicente me procurou, falou da Afrobras e dos seus sonhos. Eu, humildemente, dei uma pequena contribuição para que esse sonho fosse realizado. Hoje, estou muito feliz em receber essa honraria e aproveito para afirmar que a Câmara Municipal está de portas abertas para todos nós juntos fazer do Brasil um país cada vez melhor,” salientou Adilson Amadeu, Vice-



Benedito Gonçalves, Desembargador Federal do TRF/RJ



Alunos da Unipalmares entregando medalha a Mauro Raphael (HSBC)



Celso Jatene (Vereador), Agnaldo Timóteo (Vereador) e Adilson Amadeu (Vice-presidente da Câmara de São Paulo)

presidente da Câmara de São Paulo. Realizado há 10 anos pela Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, a outorga da Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro, este ano aconteceu na noite de 14 de maio, no campus da Unipalmares. Além das personalidades já mencionadas, também foram agraciadas: Fundação José de Paiva Netto recebida pelo Diretor de Comunicação Celso de Oliveira, José Luiz R. Bueno, Diretor de RH do Bradesco, Valéria Riccomini, Gerente de Atração do Itaú; Celso Jatene, Vereador de São Paulo; e Eduardo Suplicy, Senador, que com muito entusiasmo encerrou a cerimônia cantando junto com o Coral Unipalmares. ■



Eduardo Suplicy (Senador) e Coral Unipalmares



Maria Cristina Carvalho e Fábio Barbosa (ABN Amro)



Pai Francisco



Público presente



Milton Matsumoto (Bradesco)



Apresentadoras do programa Negros em Foco



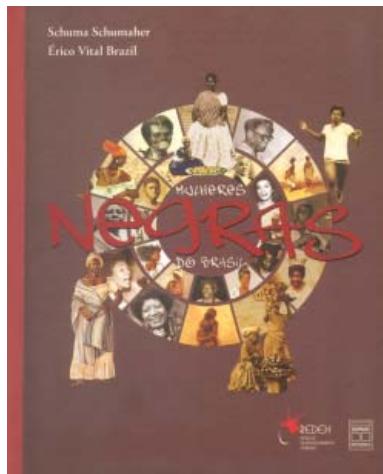
Celso de Oliveira, Fundação José de Paiva Netto

Exposição Mulheres Negras

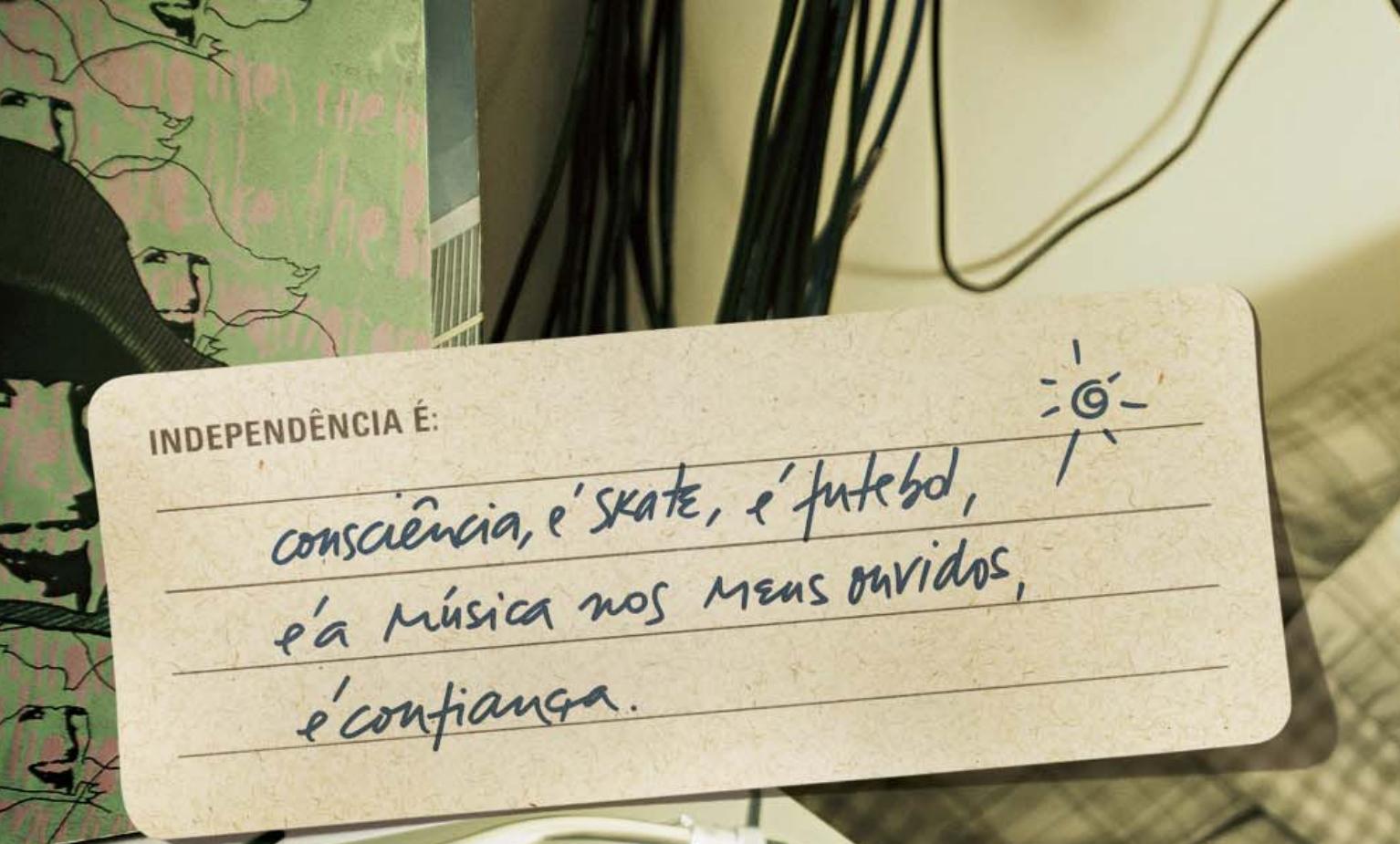


Tom Ruthz

Por ocasião da cerimônia da entrega da Medalha do Mérito Cívico Brasileiro foram realizadas aberturas das mostras *Mulheres Negras*, do artista plástico Tom Ruthz, e *Mulheres Negras do Brasil* com algumas das imagens e painéis que compõem o livro de Schuma Schumaher e Érico Vital Brazil (Senac Editoras), obra cujo título leva o mesmo nome da exposição.

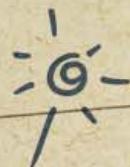


O livro Mulheres Negras do Brasil lançado no campus da Unipalmares, em maio, trata de maneira inédita a história das mulheres negras brasileiras, desde sua chegada ao País até os dias atuais. ■



INDEPENDÊNCIA É:

consciência, é skate, é futebol,
é a música nos meus ouvidos,
é confiança.



**Quem abre uma conta REAL UNIVERSITÁRIO tem mais que independência:
tem um banco com visão de mundo sustentável.**

Primeiro banco a oferecer uma conta para universitários.

Primeiro banco a lançar talão de cheques com papel ecologicamente correto.

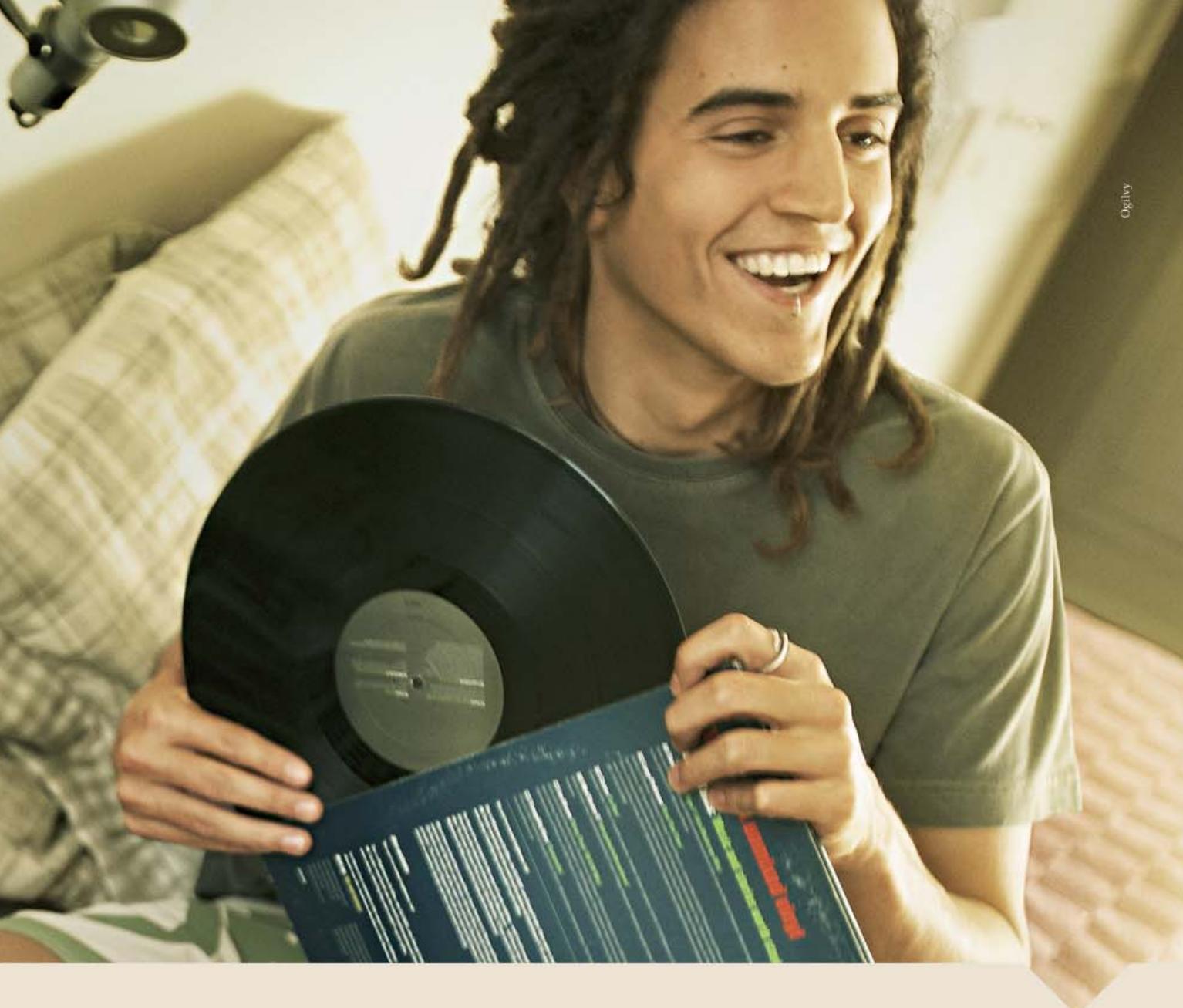
Primeiro banco a se preocupar e a fazer coleta seletiva de lixo.

Primeiro banco a considerar aspectos socioambientais na aprovação de crédito.

Acesse www.bancoreal.com.br/universitario e junte-se a nós. Abra sua conta.

Real Universitário. Para sempre, um parceirão.

REAL UNIVERSITÁRIO



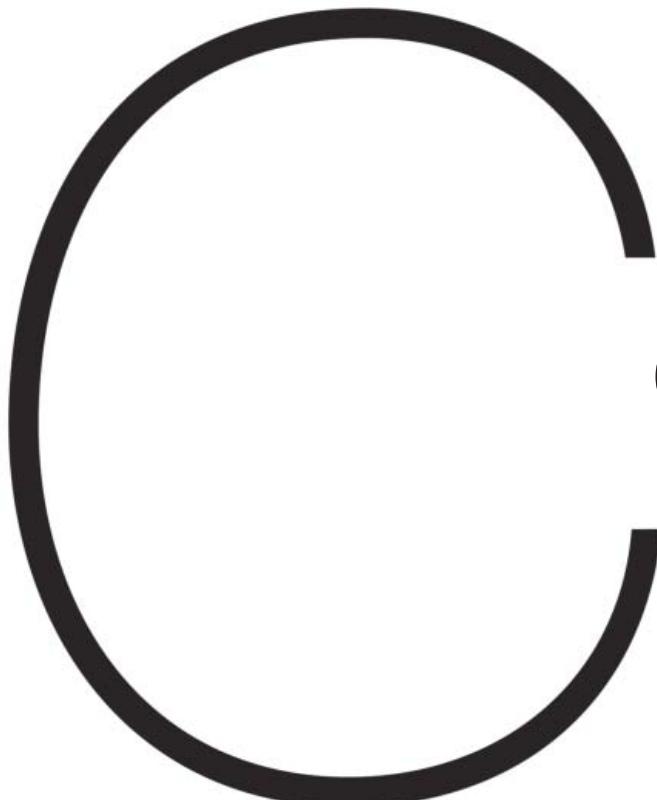
ANDRÉ GUAZZELLI,
cliente Real Universitário.

Fazendo mais que o possível



BANCO REAL
ABN AMRO

Os produtos estão condicionados à inexistência de restrições cadastrais. Para o Realmaster, a partir do 11º dia serão cobrados juros por todo o período. Serão sempre devidos o IOF e a CPMF, na forma da lei. Consulte a mensalidade do seu cartão.



omeço de um grande futuro

Por: Zulmira Felício, Editora

Stephen Bourne, CEO da Cambridge University Press (CUP) - uma das maiores e mais antigas editoras de livros acadêmicos e didáticos do mundo, esteve no Brasil, em maio, e incluiu em seu roteiro pelo País uma visita à Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Seu interesse em conhecer a essa instituição mais de perto se justifica. Nascido em Uganda e morador no Quênia até os 21 anos, Bourne conviveu com as diferenças raciais no seu dia-a-dia, às quais ele e a família sempre recriminaram. Como CEO da Cambridge University Press, Bourne acompanha os projetos que a CUP realiza em diferentes países. Com o foco na responsabilidade social, a empresa acaba de fazer uma doação de material didático e pedagógico do idioma inglês para a Unipalmares. Na oportunidade, ele esteve acompanhado de João Ma-

dureira, da CUP unidade brasileira, Daniela A. Meyer, do Instituto Brasil - Estados Unidos (IBEU), e das representantes da Associação Alumni, Gláucia M. Ferro, Marie Adele Ryan e Suzanne Monte. Entusiasmado com o trabalho desenvolvido pela instituição e com o projeto Unipalmares/Alumni, Bourne concedeu com exclusividade a entrevista que segue para a Afirmativa Plural.

Afirmativa – Qual o seu interesse em conhecer a Unipalmares e como o senhor analisa essa iniciativa de oferecer curso superior e colocar o negro no mercado de trabalho?

Stephen Bourne – Tomei conhecimento da Unipalmares por intermédio do relatório da CUP no Brasil e quis conhecer pessoalmente a iniciativa. Fiquei muito interessado e pretendo voltar a essa instituição. Adianto que a CUP poderá desenvolver outras ações junto

a Unipalmares. Vivi na África, basicamente, nos tempos coloniais quando as oportunidades não existiam para a população negra, somente para os filhos de brancos e alguns asiáticos. Eu e minha família considerávamos isso errado e que o mundo tinha que mudar. Essa iniciativa é a mudança acontecendo... A oportunidade para que a educação e o incentivo oferecidos a essa população atinjam um bom nível de modo que ela tenha competitividade para ganhar o mercado de trabalho. É uma iniciativa excelente, um modelo que deve ser divulgado e ampliado mundo a fora.

Afirmativa – Que avaliação faz após concluir a visitar?

Stephen Bourne – Mais do que uma idéia excelente, o espaço físico é convidativo e agradável. Existem condições para expansão, aumentando a infra-estrutura local. É certo que os



Stephen Bourne e José Vicente

alunos vão querer aprender na Unipalmares e se sentirem valorizados. E isso deve trazer os resultados propostos dessa instituição que é oferecer educação de qualidade e melhoria da condição de vida. "I love it".

Afirmativa – Qual mensagem o senhor deixa aos alunos 87% afro-descendentes declarados?

Stephen Bourne – Esse é um começo de um grande futuro. Portanto, você (aluno) aproveite cada momento, pois quando olhar para o passado terá orgulho de ter participado dessa história. Boa sorte.

Afirmativa – O senhor conhece outros projetos semelhantes a esse?

Stephen Bourne – Conheço uma iniciativa em Cabo, na África do Sul, onde em conjunto com o Instituto Africano de Matemática, a CUP e outras empresas iniciaram um projeto semelhante,

mas voltado a estudos específicos na área de Matemática para alunos carentes daquele local. O espaço físico que utilizamos era um hotel desativado, montamos uma biblioteca muito bem equipada, e criamos uma atmosfera convidativa, confortável e motivacional. Temos tido resultados positivos e imediatos. Toda viagem que faço à África do Sul visito o local, fico satisfeito e emocionado. O projeto começou há 4 anos atrás, com cerca de 30 alunos. Hoje, tomam parte dele 60 jovens e tende a ser ampliado.

Afirmativa – Quantos projetos a CUP apóia no Brasil?

Stephen Bourne – São 25 projetos no total, de norte a sul do País, dentre os quais o do IBEU, no Rio de Janeiro e, em São Paulo, a Associação Alumni, além de outras instituições que trabalham com

o ensino de línguas e que contam com os livros da Cambridge University Press.

Afirmativa – Em números, quantos alunos são atendidos nesses projetos no País?

Stephen Bourne – No final de 2006, assistimos 5 mil alunos. Ano a ano, o número de pessoas atendidas aumenta em função de novos projetos que se repetem. Agora, com a Unipalmares, mais 700 alunos serão assistidos com doações de livros da CUP.

Afirmativa – O trabalho da CUP termina com a doação de livros?

Stephen Bourne – Não. É um trabalho que tem sustentabilidade, é permanente, sendo os alunos acompanhados. Os objetivos do projeto têm que ser atendidos. Não fazemos filantropia que termina com a doação do material. O nosso trabalho é efetivamente de responsabilidade social. ■

redução da idade penal

Muito se tem discutido sobre a redução da idade penal, isto é, a partir de que faixa etária uma pessoa responde penalmente por seus atos. A Constituição da República fixa atualmente em 18 anos o patamar mínimo para a aplicação da legislação penal e determina que a quem praticar crime antes dessa idade devem ser aplicadas medidas sócio-educativas, aptas a propiciar ao infrator um tratamento diferenciado, que leve em consideração o desenvolvimento incompleto de sua personalidade.

Dentre essas medidas, está a internação, hoje limitada ao tempo máximo de três anos. Medida extrema, é aplicada essencialmente naqueles casos em que o crime praticado, por sua natureza e gravidade, exige que o Estado restrinja a liberdade do infrator, a fim de que, no período de internação, haja a possibilidade de um acompanhamento mais estreito da conduta do autor do delito, buscando, como as demais medidas, a recuperação do infrator e afastando-o da vida criminosa.

Alegam alguns, contudo, que a legislação existente encontra-se superada pela realidade. Crimes bárbaros são cometidos por adolescentes com idade próxima à de 18 anos, e o máximo de três anos em que ficarão internados não são considerados suficientes para impedir que, uma vez de volta ao convívio social, retornem ao crime. Afirma-se, ainda, que um adolescente de 16 anos pode participar do sufrágio eleitoral, escolhendo até o presidente da República, não se entendendo

*Por: Rodrigo César Rebello Pinho,
Procurador-geral de Justiça de São Paulo
e Presidente do Conselho Nacional de
Procuradores-Gerais do Ministério
Público dos Estados e da União*

do por que, então, não pode responder plenamente por seus atos, inclusive na esfera penal.

Entende a Procuradoria-Geral de Justiça de São Paulo que a redução da idade penal não é medida adequada. Se é certo que há pessoas que, antes dos 18 anos, podem ser tidas já como adultas, não é menos correto que a imensa maioria dos adolescentes, antes dessa idade, não passa de pessoas em formação, e se lhes são outorgados alguns direitos, muitos outros lhes são negados,



Rodrigo César Rebello Pinho

principalmente pela legislação civil. Ademais, o Brasil é um país continental, e as múltiplas realidades sociais que abriga não aconselham legislar pela exceção: não há como serem comparados, em amadurecimento e experiência de vida, adolescentes mais ricos com mais pobres – e a redução da idade penal atingiria, igualmente, a uns e a outros, o que, pela configuração da pirâmide social brasileira, acarretaria maior punição justamente àqueles das camadas mais excluídas

socialmente. Contudo, é perfeitamente possível, respeitada a atual idade penal, pensar-se em soluções diversas para situações diversas. Afinal, o princípio da igualdade, segundo Tobias Barreto, consiste em tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais. Uma das alternativas defendidas pela Procuradoria-Geral de Justiça de São Paulo é o aumento do tempo máximo de internação. A limitação em três anos, para todos os casos, parece irrazoável, e, muitas vezes, be-

neficia o discurso extremista, que se vale do sentimento difuso de impunidade para exacerbar os ânimos da população. Por que não permitir que, em situações específicas, o juiz possa aplicar um prazo de internação maior, que considere tanto a personalidade do agente quanto a gravidade do delito praticado?

O debate é necessário e sempre bem-vindo, mas que nele prevaleçam a razão e os valores mais caros à civilização, duramente conquistados. ■

oportunidade para Superar o Racismo

Por: Luiz Flávio Borges D'Urso, Presidente da OAB - SP – Ordem dos Advogados do Brasil

Não existem instrumentos capazes de medir os níveis de racismo no País. Caso houvesse, certamente poderiam aferir que essa prática pertence a uma minoria da sociedade, que ainda não tomou consciência da importância do respeito e tolerância. Portanto, a grande maioria dos brasileiros tem demonstrado capacidade de conviver harmonicamente com todas as etnias, os credos, as orientações sexuais. Sempre haverá as vozes intolerantes, reticentes, refratáveis. Houve avanços pequenos, porém significativos, paradigmáticos. Dessa forma, os dados positivos merecem serem comemorados como forma de estimular a busca do entendimento, da coexistência pacífica entre as muitas raças que compõem o povo brasileiro, parafraseando o estudioso Darcy Ribeiro, apesar das correntes extremistas que incitam o ódio ou personalidade que defende o contra-ataque. O racismo, todos nós sabemos, tem efeitos em questões básicas da vida quotidiana e impede o florescimento de uma sociedade verdadeiramente plural. Para isso, precisamos implementar políticas públicas, muito transparentes e muito eficientes. Não estaremos sós. Nos Estados Unidos, as políti-

cas afirmativas vêm sendo implementadas desde os anos 50. No continente europeu, uma corrente de europarlamentares arquiteta o novo arcabouço legal para todas as nações-membro com vistas a combater o racismo e criar oportunidades de igualdade para todas as raças. Faz pouco tempo, instalou-se, com sede na capital austríaca, a Agência dos Direitos Fundamentais da União Européia com o escopo de fomentar debates sobre o tema. São modelos que têm conquistado resultados e podem servir de balizamento.

Entre os mais legítimos instrumentos de transformação social a serem repensados estão os meios de comunicação, um fabuloso canteiro para a socialização positiva, a caminho da almejada pluralidade social. Queremos o fim do noticiário, das novelas, dos filmes, dos humorísticos que tratam a afro-descendência com um elemento menor. Há Pouquíssimos anos, sequer imagináramos um casal de atores afro-descendentes sendo protagonista de uma novela em horário nobre, com imenso sucesso e altos índices de penetração na sociedade nacional. Nem uma atleta negra brilhando num esporte elitizado, como a ginástica olímpica. Ou

um negro na mais alta Corte de Justiça. Ou apresentadores de telejornais e repórteres ocupando posições de destaque. Ou seja, trata-se de aproveitamento das oportunidades, embora convenhamos ainda continuam sendo poucas diante de tamanha demanda.

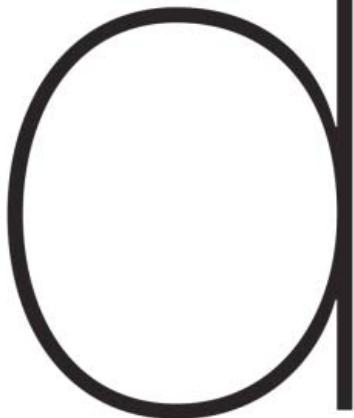
Lentamente, elementos da cultura negra se instalam na rotina nacional, mudando a percepção da sociedade em geral em relação à temática. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro já comemoram, com feriado local, o Dia da Consciência Negra na data da morte do líder Zumbi de Palmares - 20 de novembro de 1695. Outros municípios brasileiros estudam seguir o modelo. Por lei, temas afro-brasileiros e inerentes ao continente africano devem ser implementados nas escolas tanto públicas como privadas. Na capital paulista, um museu dedica-se cultuar a história e a cultura do negro na sociedade, desde os seus primórdios e é gerido por um artista negro. E uma universidade, na capital paulista, a Unipalmares, tem seu escopo centrado na cultura negra. São pontuais, é verdade, mas são conquistas que não podem ser desprezadas. Uma grande caminhada se começa com o primeiro passo.

Foto: Divulgação



Luiz Flávio Borges D'Urso

aprender com as dualidades



*Por: Maria Célia Malaquias,
Mestre em Psicologia Social, Coordenadora
do NAP - Núcleo de Apoio Psicológico da
Unipalmares - mcmalaquias@uol.com.br*

Há mais de meio século, de quatro em quatro anos, o mundo se articula para a participação dos Jogos Pan-Americanos, numa espécie de aquecimento para os Jogos Olímpicos.

Em pauta o jogo, a fantasia, o desejo de transformar em ação concreta o resultado de anos de treino, dedicação, suor e dor em prol de um ideal voltado para a superação dos próprios limites. A história humana é pautada pelo movimento natural de dominar a natureza, para transformá-la em benefício de suas necessidades de sua sobrevida. Sobreviver para viver, tem sido a batalha que atravessa gerações. Em um movimento intenso que nos coloca em contato com nossas dualidades, potência e impotência, interno e externo caminham juntos na busca do equilíbrio – desequilíbrio que move e promove diferentes encontros consigo mesmo

e com outro, quer nos contextos privados quer nos coletivos.

O Brasil, especialmente o Rio de Janeiro, se prepara para receber os atletas e as delegações de todas as partes do mundo. E durante alguns dias, diferentes povos irão compartilhar uma linguagem comum, ditada por um contexto que inclui regras que regem os jogadores e o próprio jogo, possibilitando o estabelecimento de relações com pessoas e objetos.

A população negra mais uma vez se faz presente, seus inúmeros atletas estarão representando o nosso País em diversas modalidades, com sua capacidade inesgotável de criar e recriar possibilidades, apresentando seu modo histórico de superar obstáculos, com sua garra, vitalidade, vontade de ser e de se fazer presente. Potencializando a essência humana espontânea - criativa, numa

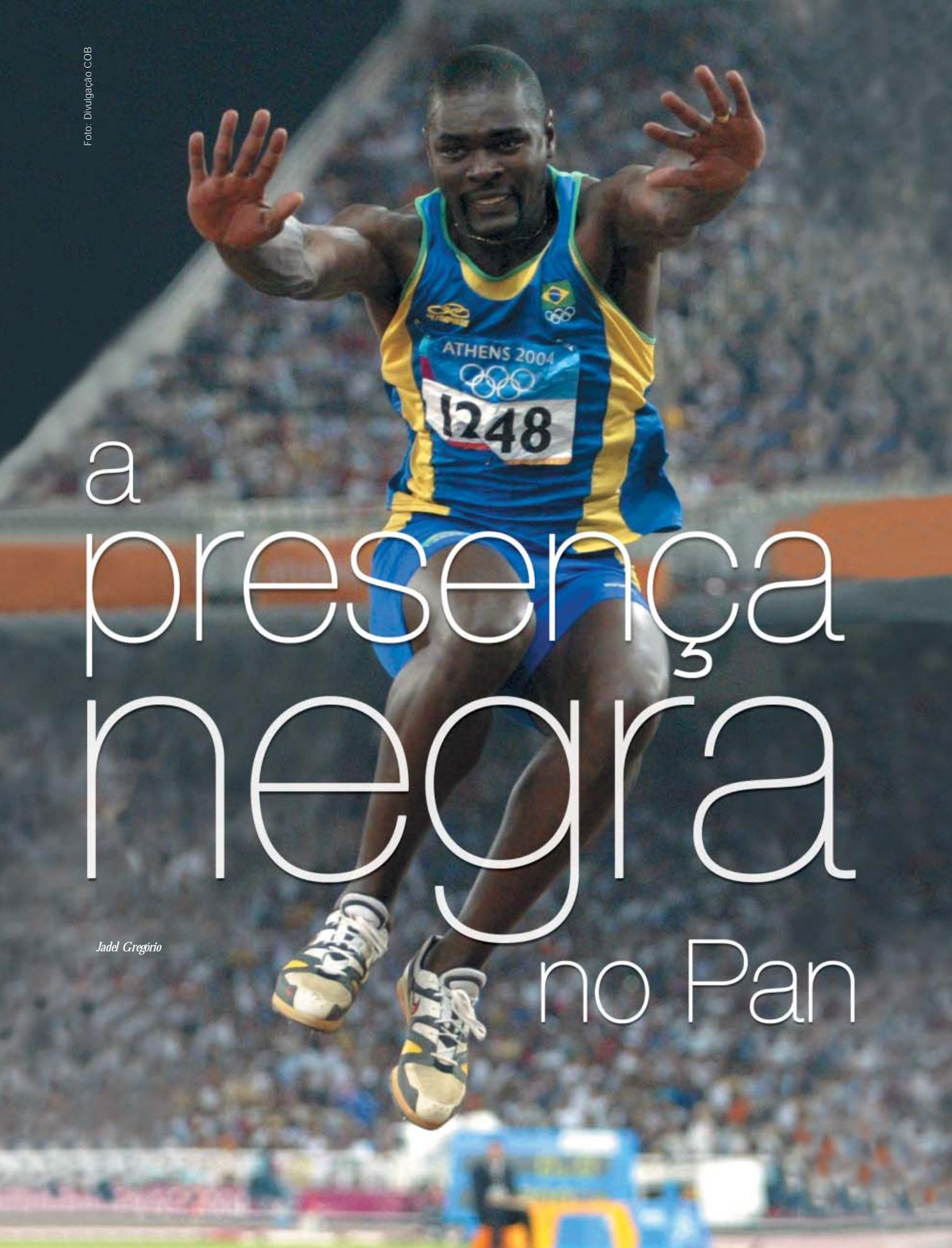
parceria que envolve e aglutina sentimentos, emoções, corpo e mente.

Nossos representantes, como atores e autores do seu ser e do seu fazer se empenham cientes do seu papel como referência de um legado recebido das gerações que os antecederam, da importância que representam para as atuais e para aquelas que os sucederão. Os Jogos propiciam também a aprendizagem como um processo de apropriação das experiências, na interação entre sujeito e objeto. Aprendizagem não só para os atletas envolvidos diretamente com as atividades das competições, mas, também para a população como um todo, o aprender ganhar e perder, dar e receber, potencialidade e impotência, limite e superação, exercícios necessários para entrarmos em contato com a dualidade humana. Estaremos atentos na expectativa do grande encontro! ■

Foto: Divulgação



Maria Célia Malaquias



a
presença
negra
no Pan

Jadel Gregório

uma história escrita na raça

Por: Juçara Braga, especial para Afirmativa Plural

Acesa no dia 4 de maio, na Cidade do México, a Tocha Pan-americana começo sua trajetória, no Brasil, em Santa Cruz Cabrália, na Bahia, dia 5 de maio, iniciando uma maratona na qual 3 mil pessoas percorrerão, em 50 dias, 42 cidades, representando o número de países que participam dos XV Jogos Pan-Americanos, que terão 5.500 atletas de 34 modalidades esportivas.

O Brasil será representado por 678 atletas, sendo 383 homens e 295 mulheres, a maior delegação brasileira em um evento esportivo internacional. Entre eles, a força negra destaca-se como exemplo de garra e superação. Se, no Brasil, atletas, de modo geral, ainda encontram grandes dificuldades para viver de seu ofício, para atletas negros, não raro, os obstáculos são

maiores, face o grande abismo socioeconômico que ainda separa negros e brancos no País.

É para eles e elas, atletas negros e negras, orgulho da raça, que **Afirmativa Plural** tira o chapéu e presta homenagem neste passeio pelo tempo que revela a indelével marca da presença negra nos Jogos Pan-Americanos.

No basquete, a garra que conquistou respeito internacional

Em 14 edições do Pan, a Seleção Brasileira de Basquete masculina conquistou quatro medalhas de ouro, duas de prata e seis de bronze. Fazem parte dessa história de sucesso, os atletas negros Carmo de Souza, conhecido como Rosa Branca (1959/63); Edson Bispo dos Santos (1955/59/63); Adilson de Freitas Nascimento (1971/75/79/83); e Gerson Victalino (1987/91), entre outros que vêm contribuindo para posicionar o basquete brasileiro entre os melhores do mundo.

Embora a equipe que participará dos Jogos este ano ainda não esteja definida, deve brilhar, nas quadras, a força negra de Wellington Reginaldo dos Santos (Nézinho), Alex Garcia,

Foto: Divulgação COB

*Janeth, Alessandra e Cintia*

Foto: Divulgação CBB

*Nézinho*



Leandrinho

Maybyner Hilário (Nene), Marcus Toledo dos Reis e Leandro Barbosa, o Leandrinho que, aos 24 anos, é um dos grandes nomes da Liga de Basquete norte-americana (NBA), atua no Phoenix Sun, e tem extenso currículo de vitórias na Seleção Brasileira.

A Seleção feminina participou de 12 edições do Pan, conquistando nove medalhas, sendo três ouro, três prata e três bronze. Nessa trajetória estive-

ram a força negra de Marta de Souza Sobral (1983/87/91), Ruth Roberta de Souza (1987/91) e Roseli do Carmo Gustavo (1991/99).

A equipe deste ano ainda não está definida, mas, na linha de frente, estão sete jogadoras negras. Entre elas, Janeth dos Santos Arcain, tetracampeã da Liga Feminina de Basquete norte-americana (WNBA) pelo Houston Comets, várias vezes campeã brasileira, medalhista

nas Olimpíadas de Atlanta e Sidney, campeã pelo Mundial de Seleções e medalha de ouro no Pan de Havana (1991) pela Seleção Brasileira.

Junto com ela, buscando o ouro para o basquete feminino no Pan do Rio de verão estar Cíntia Silva dos Santos, Kelly da Silva Santos, Graziane de Jesus Coelho, Micaela Jacintho, Jaqueline Silvestre e Karen Rocha.

No vôlei, as equipes também ainda não estão definidas, mas a expectativa é de que a Seleção masculina venha com a raça negra de Escadinha, Anderson e Samuel. Na turma feminina, Fabiana, Regiane, Sassá, Fofão e Arlene. No futsal, Alessandro Rosa Vieira, o Falcão, eleito melhor jogador do mundo em 2004, pela Fifa, é uma das promessas brasileiras do Pan.

A cor brasileira que dá o tom no atletismo

Aos 26 anos, o paranaense Jadel Gregório é um dos grandes nomes do atletismo brasileiro da atualidade. Ele acaba de cravar 17,90 m no salto triplo, superando o recorde sul-americano estabelecido por João do Pulo há 32 anos, no Pan do México. O feito se deu no GP Brasil de Atletismo realizado em maio, em Belém (PA), como etapa preparatória para o Pan.

No mesmo evento, a saltadora pernambucana Keila Costa, 24 anos, estabeleceu a melhor marca mundial deste ano no salto em distância, ficou à frente da recordista norte-americana Akiba McKinney e levou para casa a medalha de ouro, pavimentando seu caminho para o Pan.

A gaúcha Daiane Garcia dos Santos, 24 anos, vem emocionando o Brasil com seus feitos na ginástica olímpica e é um dos grandes nomes brasileiros no Pan

deste ano, embora a equipe ainda não esteja definida. Com medalhas de prata (individual) e bronze (equipe) no Pan de Winnipeg, no Canadá, em 1999, e uma de bronze (equipe) no Pan de Santo Domingo, em 2003, Daiane chega ao Pan do Rio com seu talento já reconhecido internacionalmente.

Na ginástica de solo, Daiane foi campeã mundial em Anaheim, na Califórnia (2003); medalha de ouro nas etapas da Copa do Mundo de Stuttgart (Alemanha), Lyon (França), Cottbus (Alemanha) e Rio entre 2003 em 2004; e foi a 5ª colocada nas Olimpíadas de Atenas em 2004.

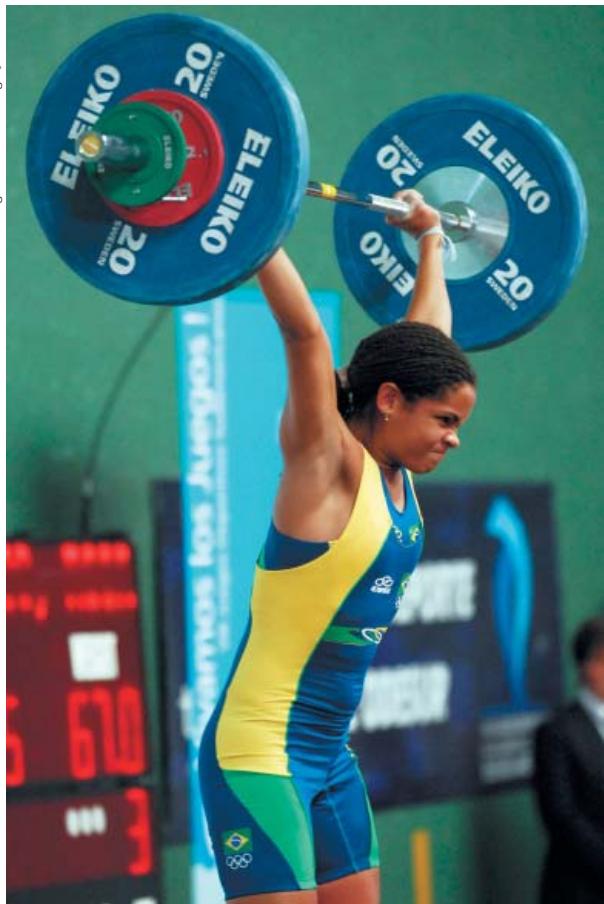
Aos 24 anos, Aline Campeiro, vem sendo apresentada, na mídia, como a atleta do momento no halterofilismo brasileiro e, certamente, será um dos sete nomes que integrará a equipe brasileira de levantamento de peso no Pan 2007. Medalha de bronze nas modalidades arranço e arremesso e prata pelo desempenho total nos Jogos Sul-Americanos realizados em Buenos Aires no final do ano passado, Aline foi velocista e, como boa parte dos atletas brasileiros, enfrenta a falta de recursos que dificulta sua participação em eventos competitivos.

Foto: Divulgação COB



Daiane dos Santos

Foto: Washington Alves/Divulgação COB



Aline Campeiro

Atletas que fizeram a diferença no esporte nacional

João Carlos de Oliveira, o João do Pulo, é um dos mais populares atletas brasileiros. Recordista mundial no salto triplo no Campeonato Sul-americano em 1973, ele conquistou duas medalhas de ouro nos Jogos Pan-americanos da Cidade do México em 1975 – nos saltos à distância e triplo, estabelecendo, neste último, o recorde de 17,89 m, marca que permaneceu inatingível, em nível mundial, por 10 anos e, em nível sul-americano, só foi superada este ano por outro brasileiro negro, Jadel Gregório. Bicampeão no salto triplo e à distância no Pan de Porto Rico, em 1979, João do Pulo foi medalha de bronze nas Olimpíadas de Montreal em 1976 e Moscou em 1980.

Joaquim Cruz saiu de Taguatinga, na periferia de Brasília, para inscrever o nome do Brasil com fio de ouro em competições internacionais de velocidade. Ele foi o primeiro atleta brasileiro, e único até hoje, a ganhar medalha de ouro em prova de pista em uma Olimpíada. O feito aconteceu em Los Angeles, em 1984. Várias vezes recordista brasileiro e sul-americano, Joaquim

conquistou sete medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze para o Brasil entre 1980 e 1995. Em Jogos Pan-Americanos, ele subiu ao pódio quatro vezes para receber o ouro (EUA/1987, Argentina/1995 e duas vezes no juvenil do Canadá em 1980).

O velocista carioca Robson Caetano da Silva bateu o recorde sul-americano nos 100m em 1988/89/91, foi medalha de bronze nas Olimpíadas de Seul (1988) e Atlanta (1996) e tricampeão na Copa do Mundo entre 1985 e 1992. Levou novamente o bronze para casa no Pan de Indianópolis (EUA) em 1987 e fez a torcida brasileira vibrar com a conquista de duas medalhas de ouro no Pan-americano de Havana, em 1991. Outro carioca, Arnaldo de Oliveira Silva, também construiu seu nome nas pistas de atletismo. Ele participou de quatro Olimpíadas entre 1984 e 1996, conquistando o bronze nesta última edição, em Atlanta (EUA), na prova de revezamento da qual também participou Robson Caetano. Em 1985, Arnaldo levou prata e ouro, respectivamente nos 200m e 100m, no Campeonato Sul-americano de Atletismo. O paulista Nelson Prudêncio fez história no atletismo brasileiro a partir da década de 1960. Bateu o recorde mundial do salto triplo em 1968, trazendo para casa uma das três medalhas de prata que o Brasil conquistou nos Jogos Olímpicos do México. Foi medalha de bronze nos Jogos de Munique em 1972 e consagrado, na década de 1980, como um dos 10 melhores do mundo no salto triplo em todos os tempos.

Outro grande nome do atletismo brasileiro, considerado um dos principais meio fundistas do mundo, o mato-grossense José Luís (Zequinha) Barboza bateu o recorde mundial dos 800 m

Foto: Alexandre Aruda/CBV



Foto: Fofão

em 1983 na disputa pelo Troféu Brasil e conquistou a medalha de prata no Campeonato Mundial Interclubes de Tóquio em 1991. Zequinha participou de quatro Olimpíadas e trouxe para casa, em 1987, a única medalha de ouro conquistada pelo Brasil até hoje em um Mundial indoor (Indianápolis/EUA).

Em 1991, no outdoor de Tóquio, no Japão, Zequinha conquistou a prata e, no Pan de Mar del Plata, em 1995, foi ouro.

Martelo Negro marcou época no boxe

Ao longo dos anos, a presença negra tem sido marcante nos Jogos Pan-ame-



Aida dos Santos

ricanos. Não é objetivo desta matéria falar sobre todos os jogadores negros que fizeram – e farão este ano, no Rio – a história do Pan, até porque isso exigiria uma edição inteira da revista. Assim, para homenagear todos esses homens e mulheres que, com sua luta pessoal, vêm superando desafios e deixando sua marca e na história com a força e a garra de quem nasceu para brilhar, **A afirmativa Plural** resgata a memória do lutador de boxe Luiz Ignácio da Silva, paulista que reinou nos ringues nas décadas de 1950/60, época de embates históricos na luta pela afirmação da raça negra. Luizão “Martelo Negro” foi o primeiro pugilista a conquistar, nesta categoria, uma medalha de ouro para o Brasil em Jogos Pan-Americanos (Cidade do México, 1955). Ele foi campeão brasileiro e sul-americano, registrando, em 52 lutas, 37 vitórias, das quais 20 por nocaute. Uma história que começou

com os treinos nas horas de folga na Estrada de Ferro Sorocabana, onde Luizão trabalhava como carregador.

Em busca de incentivo

Aos 70 anos de vida, a atleta Aida dos Santos ainda desfralda a bandeira brasileira de mais incentivo ao esporte. “A situação é melhor do que na minha época. Hoje temos material humano de primeira qualidade, inclusive técnicos brasileiros com os quais se aprende muito. Eu não tinha nem técnico”, recorda-se. De origem pobre, ela aos 19 anos *saltou* para o atletismo por acaso. Aos finais de semana pegava carona na bicicleta de uma amiga para juntas irem jogar vôlei. Por insistência da colega resolveu saltar. Na primeira tentativa atingiu 1,45m, e igualou-se ao recorde brasileiro. Aida dos Santos teve muito que superar, não só no esporte. Treinava contra a vontade do pai, trabalhava em quatro lugares para ajudar no sustento da

família, “muitas vezes, treinava o dia inteiro com apenas um pão com manteiga”. Em 1964, nos Jogos de Tóquio alcançou 1,74m, conquistando a 4ª colocação em saltos em altura.

A carreira de sucesso não está aposentada, Aida dos Santos ainda participa de jogos e competições. O desafio e a garra estão presentes na sua vida, de tal modo, que junto com a filha Waleskinha (hexacampeã da Seleção de Vôlei), criaram a *Fundação Aida dos Santos*, em Niterói, para assistir crianças de 7 a 15 anos na área esportiva. Atualmente a instituição abriga 80 crianças. “É muito bom trabalhar com elas, pois aprendem brincando. Sempre digo para meus futuros atletas: é preciso acreditar em si, querer vencer, perseverar, ter força de vontade e ir à luta”. Por isso, Aida dos Santos foi outorgada com o troféu Ademar Ferreira da Silva, Prêmio Brasileiro Olímpico 2006 (foto). ■

Ja nipalmares no esporte

“ A cultura esportiva no Brasil só vai melhorar quando houver um trabalho de excelência do ensino fundamental ao superior ”

Foto: Divulgação



Professor Wagner Sergio Pereira (em pé a direita) e equipe de esportes

A cultura esportiva hoje é uma realidade na Unipalmares - Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Isso porque foi instituído um departamento de Educação Física para todos os alunos e funcionários da instituição, incluindo um programa de conscientização nutricional. As primeiras modalidades trabalhadas serão: atletismo, basquetebol, futsal, handebol, voleibol e judô.

O pontapé inicial se deu com a criação de um sub-departamento das modalidades competitivas que vão contemplar o atletismo, o basquete e futebol (masculino e feminino) e o voleibol (feminino). Toda a coordenação desse trabalho é de responsabilidade do professor Wagner Sergio Pereira, gra-

duado em Letras e Educação Física, com pós-graduação na Universidade de São Paulo e na Escola Superior de Propaganda e Marketing, em Cuba e em Nova York, e fundador gestor do Instituto *Black Friends Basquetebol*.

Uma vez instituído o projeto de Esportes, começaram as seletivas para a definição do time que irá representar a instituição em jogos estaduais e federais. O ponto de partida será a Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), no próximo semestre, quando ocorrem os campeonatos entre as universidades.

Além dos alunos da instituição, também participam desse projeto os atletas de excelência nessas modalidades, aptos a ingressar na Unipalmares. O

objetivo é formar equipes competitivas em parceria com o Instituto *Black Friends*. Segundo o prof. Wagner Sergio Pereira “a proposta é desenvolver um projeto sócio-esportivo para a comunidade onde a instituição está instalada. Isso inclui também o intercâmbio com atletas de outras universidades brasileiras e de países do exterior”, empolga-se.

Na área sócio-esportiva, a universidade tem a intenção de desenvolver uma escolinha de judô, de futsal e de voleibol para jovens de até 14 anos e já está aprovada a construção de uma academia de ginástica (fitness) dentro do campus para atender a todos os freqüentadores do local, além da criação de um ginásio poliesportivo. ■



Foto: divulgação

César Maia – Prefeito do Rio de Janeiro

Capital Esportiva da América do Sul

Por: Zulmira Felício, Editora

De 13 a 29 de julho, o Rio de Janeiro deverá receber 5.500 atletas, de 42 países para competirem em 34 modalidades

A conquista dos Jogos Pan-Americanos de 2007 significa muito mais do que a possibilidade de realizar um megaevento esportivo com mobilização de pessoas, por 15 ou 30 dias. É a oportunidade única para fazer do Rio de Janeiro a *Capital Esportiva da América do Sul*, além de gerar investimentos diretos e indiretos, atraindo investidores para numerosos empreendimentos ligados ao esporte. A declaração é do prefeito da

Foto: Leandro Martins



Estádio Olímpico Municipal João Havelange – Fase Final

cidade do Rio de Janeiro, César Maia, em entrevista exclusiva para a **Afirmativa Plural**.

Afirmativa - O turismo está sendo fortemente incentivado com o Pan. Quais são as providências empreendidas pelo município?

César Maia - A intensificação do turismo e a divulgação do conhecimento

sobre o país-sede dos Jogos elevam ainda mais o Rio de Janeiro em sua posição de porta de entrada do turismo no Brasil. Toda a cidade está preparada para receber turistas brasileiros e estrangeiros. Não só no período dos Jogos. Treinamos mais de cinco mil pessoas através do projeto “*Rio Hospitaleiro*”. São profissionais de diversas áreas, como guardas municipais, taxistas, motoristas de ônibus, além dos que atuam nos se-

Foto: Alberto Jacob



Complexo Esportivo do Autódromo: Parque Aquático

tores de hotelaria, bares, restaurantes e similares, como camareiras, guias turísticos, cozinheiros, barmens, garçons etc.

Afirmativa - O programa de voluntários para o RIO 2007 e a criação de empregos levarão à capacitação de uma mão-de-obra qualificada em diferentes áreas, essencialmente, no atendimento ao visitante

estrangeiro. Qual é a atuação da Prefeitura nesse sentido?

César Maia - Além do Projeto “*Rio Hospitaleiro*”, a Prefeitura do Rio atua no programa “*Hospedagem Domiciliar*” com o objetivo de informar, estimular e ajudar os interessados a disponibilizar quartos em suas residências. Lançamos um site exclusivo para isso: www.rio.rj.gov.br/hospedagemdomiciliar.

Afirmativa - Os Jogos colaboram

Foto: Alberto Jacob



Complexo do Autódromo - Arena Multiuso - Obras Ginásio

para estreitar os laços tanto com o Rio de Janeiro quanto o Brasil, principalmente, junto aos países da América. Em sua opinião, o que representará a experiência do Pan uma vez que a cidade será exposta mundialmente?

César Maia - A certeza de que podemos sediar outras competições como as Olimpíadas e a Copa do Mundo. O Pan colocará o Rio de Janeiro no roteiro dos megaeventos mundiais.

Afirmativa - Fale sobre os benefícios sociais que irão surgir a partir do evento.

César Maia - Além da abertura de empregos, o incentivo à descoberta de novos atletas para termos uma geração futura engajada na prática do esporte. Isso é um grande benefício social.

Afirmativa - E sob o ponto de vista da economia?

César Maia - Levantamentos relativos ao valor econômico dos esportes

Foto: Jaime Silva



Vila Pan-Americana - Obras



Estádio Olímpico Municipal João Havelange - Engenho - entrada principal

mostram que nenhuma atividade econômica tem maior expressão sobre o PIB de uma nação. O primeiro e grande multiplicador está ligado à própria atividade esportiva que, além de atletas, necessita de técnicos em geral, médicos e massagistas específicos, profissionais de apoio, do roupeiro à limpeza. Sem esquecer que os clubes e os estádios precisam de administradores, técnicos em iluminação, eletricidade, manutenção, conservação, bilheteiros etc.

Durante os Jogos, intensifica-se a demanda de transportes, significando mais empregos e maior consumo de combustível. No comércio, há aumento da procura de bares e restaurantes, compra de brindes, bandeiras e lembranças de todo o tipo. Multiplica-se a indústria de confecções. Trinta anos atrás, o material esportivo era usado apenas pelos atletas, nas competições. Hoje, a produção de roupas, incluindo o *design*, foi influenciada pelo esporte de tal maneira que passou a compor o vestuário no dia-a-dia, independente da prática esportiva. A mesma coisa aconteceu com a indústria de calçados; o tênis

tornou-se de uso rotineiro. Igualmente se deve ao esporte a exacerbação do culto ao corpo e, com isso, a proliferação de salas de ginástica e musculação.

Afirmativa - O esporte impulsiona diferentes setores, inclusive desperta nas pessoas a importância de sua prática no dia-a-dia.

César Maia - Realmente, expande-se a Educação Física como prática educacional. Cresce a profissionalização de federações e clubes com seu corpo de dirigentes, especialistas e pessoal de apoio. No setor de saúde, o multiplicador vai da proliferação de práticas fisioterapêuticas e reabilitadoras sujeitas à renovação permanente, até as várias especialidades da Medicina Esportiva, com impacto em áreas médicas, como a Ortopedia. Acrescentam-se a esse cenário as pesquisas sobre vitaminas especiais e nutrição. Há lojas onde se vende todo tipo de produtos ligados ao esporte, das vitaminas ao vestuário. Diversifica-se o merchandising com a imagem de atletas e treinadores. Portanto, os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos no Rio serão símbolos de uma política de desenvolvimento sustentável.

Afirmativa - Qual o destino da infraestrutura que está sendo construída após a realização dos Jogos?

César Maia - O Parque Aquático Municipal Maria Lenk vai sediar a Faculdade Carioca de Esportes Aquáticos. A instituição terá de formar e aperfeiçoar atletas, prepará-los para competições e servir como equipamento de padrão olímpico para competições municipais, nacionais e internacionais, entre outras finalidades. O local também será utilizado por escolinhas esportivas voltadas para a identificação de novos atletas. A Faculdade Carioca



Parque Aquático Maria Lenk

de Esportes Aquáticos funcionará com orientação da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos, atendendo clubes, escolas e faculdades de Educação Física. Conforme decreto municipal publicado em 14 de fevereiro desse ano, o Parque Aquático Municipal Maria Lenk, situado na área do Autódromo de Jacarepaguá, será integrado à estrutura da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer. A utilização do Estádio Olímpico Municipal João Havelange, da Arena Multiuso e do Velódromo ainda estão em estudo.

Afirmativa - No que diz respeito à segurança, quais ações estão sendo empreendidas para asseverar a proteção do público em geral, incluindo também os atletas?

César Maia - Todo o esquema de segurança está a cargo dos governos federal e estadual. A guarda municipal estará nas ruas, como sempre esteve. ■



Vila Pan-Americana

**125 milhões de clientes.
125 milhões de pontos
de vista. Com certeza,
diversidade é algo que
o HSBC valoriza.**



hsbc.com.br/novosprodutos

HSBC, o logotipo HSBC e o logotipo J&P

esporte Sem racismo

Por: Matilde Ribeiro, Ministra da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

A evidência em torno do esporte em razão dos XV Jogos Pan-Americanos e III ParaPan-Americanos no Brasil traz à tona exemplos de superação das adversidades individuais e consagração de talentos natos, que nem mesmo os dramas pessoais conseguiram ofuscar. Diante das muitas trajetórias de homens e mulheres que realizaram seus sonhos através do esporte, percebemos a revelação de histórias em que o racismo e a discriminação racial foram e são agentes limitadores.

No país do futebol, os esportistas são representados por um número expressivo de talentos negros cuja consagração contribui positivamente à auto-estima da nação. Portanto, é fundamental que apoiemos e valorizemos os nossos atletas.

Infelizmente é sabido que o esporte preferido dos brasileiros teceu suas raízes na proibição de participação de negros e na repressão da identidade negra, inclusive com a negação de seus traços fenotípicos. Muitas barreiras foram ultrapassadas, uma vez que as qualidades dos jogadores negros se sobrepujaram ao impedimento de participação, no entanto, não significa que o racismo tenha sido superado.

Esse quadro nos mostra que nem mesmo a paixão nacional está dissociada da ação do racismo e da discriminação racial como vimos em competições nacionais recentes, em que jogadores são ofendidos publicamente por conta da sua cor da pele ou traços étnicos. No exterior, os atletas do futebol brasileiro e estrangeiro são vítimas de racismo, discriminação racial e xenofobia, problemáticas visibilizadas na Copa do Mundo de 2006, quando a Fifa (Federação Internacional de Futebol) ampliou a campanha de combate ao racismo no futebol com adesão de jogadores negros e brancos. Isto é, o racismo deve ser combatido por todos.

Na agenda do governo federal para os Jogos Pan-Americanos e ParaPan-Americanos, a Seppir firmou convênios e cooperação com o Ministério dos Esportes e o governo do Estado do Rio de Janeiro para valorização da capoeira através do projeto Ginga Brasil, e também com o Comitê Olímpico garantindo o revezamento da tocha dos Jogos Pan-Americanos em uma comunidade quilombola e povoado indígena. Com isso, poderemos garantir uma maior inserção de jovens e população negra e pauperizada atendi-

das por projetos sociais, a fim de trabalhar exemplos positivos e integradores durante os Jogos.

O Pan no Brasil é um momento importante para visibilizar a resistência negra e indígena e a igualdade entre os povos, como uma forma de afirmar a luta histórica dos afro-descendentes pela liberdade e cidadania; dos indígenas pelo reconhecimento de suas tradições; e o respeito à diversidade racial e étnica como elementos construtores da paz, do desenvolvimento e da soberania nacional. Essa riqueza será demonstrada durante a passagem da tocha que mantém acesos os ideais de integração dos povos durante revezamento em tribo indígena e comunidade quilombola, propiciando intercâmbio, afirmação da cultura nacional e o fortalecimento de agendas democráticas de validação de direitos de quilombolas, negros e indígenas brasileiros.

O caráter mobilizador do esporte e as possibilidades de inclusão social e cidadania somam ao propósito de gerar oportunidades e despertar valores como civismo, saúde, espírito coletivo, superação individual, disciplina, entre outros. Trabalhemos todos para um esporte sem racismo! ■



Matilde Ribeiro

fator de inclusão S Social

Por: Gustavo Cintra, Secretário Municipal de Esportes e Lazer da Cidade do Rio de Janeiro

A conquista do Rio para ser sede dos Jogos Pan-Americanos de 2007 é fruto de um sólido planejamento de políticas públicas, que começou em 2001. Neste ano, a Prefeitura do Rio – a partir da Resolução 25 de 2006 da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL) – redefiniu a promoção da prática esportiva e do lazer na cidade, como fator de inclusão social. A referida resolução delinea quatro vetores de ação para as políticas públicas de esportes e lazer cariocas:

- intervenção social alternativa à marginalidade infanto-juvenil;
- inclusão social das pessoas portadoras de deficiência;
- promoção social dos cidadãos da terceira idade;
- realização de eventos para divulgar a cidade do Rio como referência do esporte.

A partir destas diretrizes, a Prefeitura iniciou um conjunto de ações públicas de estímulo ao esporte, com a implantação de projetos socioesportivos e a captação de eventos de esporte para o Município. De um lado, o município patrocinou e deu incentivo fiscal para os organizadores de competições na-

cionais e internacionais. De outro, construiu centros esportivos (as ‘Vilas Olímpicas’) e implantou escolinhas públicas de esportes, nos quais começaram a ser desenvolvidas atividades esportivas e recreativas gratuitas, em horário complementar ao da Rede Municipal de Ensino.

Assim, o Rio ganhou um novo perfil de política pública de esporte, interligada com a política municipal de educação. Os professores das atividades esportivas passaram a acompanhar o desempenho curricular de seus alunos.

Para os que não estudavam, as próprias Vilas Olímpicas facilitaram a matrícula escolar. E, como motivação complementar, estes jovens foram estimulados a participar dos eventos esportivos realizados no Rio, disputando competições preliminares, assistindo às disputas ou, até, participando de oficinas com atletas profissionais.

Dentro deste modelo, a educação passou a ser “lecionada” durante a prática esportiva. Cada vila possui um grupo formado por pedagogos, assistentes sociais e psicólogos que, junto com os profissionais de educação física, exercitam, com suas turmas, os valo-

res sócioeducativos do esporte, como a disciplina, a perseverança, e o trabalho em equipe. Para atender ao público idoso e aos portadores de deficiência, os centros esportivos têm, também, grupos de professores que desenvolvem atividades específicas. Este trabalho conjunto gerou um ambiente sócioesportivo, espaço para oportunidades de relacionamentos mais igualitários entre os freqüentadores, que estimula a cidadania e utiliza o esporte como poderosa ferramenta de inclusão social.

Hoje, a população do Rio conta com nove Vilas, dois parques de lazer e 400 núcleos de projetos esportivos em locais públicos. A Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, destina, em média, R\$ 40 milhões, por ano, para a manutenção desta rede de esportes e lazer, que atende a cerca de 150.000 pessoas de todas as faixas etárias. Além disso, o planejamento de investimentos da secretaria prevê a construção de outros cinco centros esportivos.

Ao mesmo tempo em que novas vilas são construídas, a Prefeitura avança também no aperfeiçoamento da gestão



Gustavo Cintra

dos centros esportivos já existentes. Em novembro de 2005, o município inaugurou uma série de parcerias com universidades para a co-gestão das Vilas Olímpicas, com o objetivo de qualificar a política de esportes municipal. Com isso, professores e alunos de cursos como Educação Física, Serviço Social, Psicologia, Sociologia e Pedagogia levaram para as vilas projetos de departamentos universitários.

Como consequência deste estímulo público à prática esportiva, já surgem os primeiros talentos do esporte nas categorias de base algumas modalidades, como a natação e o atletismo. São

jovens, alunos e alunas, entre 12 e 17 anos, que se tornaram referência nas Vilas Olímpicas em que treinam. Eles estão entusiasmados com o ambiente pré-Pan 2007 e entusiasmam seus colegas, através de suas vitórias no esporte e da sua exposição na mídia. Os moradores do Complexo do Alemão, por exemplo – uma das áreas mais violentas do Rio –, acostumados a assistir a reportagens sobre a criminalidade no local onde moram, agora, acompanham, também, as conquistas da equipe de taekwondo da Vila Olímpica da região, através de jornais e na televisão. Estes elementos demonstram como a

cidade está preparada para receber eventos esportivos e revertê-los, através de suas políticas públicas, em melhoria na qualidade de vida da sua população. O reconhecimento desta capacidade do município foi decisivo na votação dos delegados da ODEPA (Organização Desportiva Pan-Americana), que escolheram o Rio, em detrimento da cidade norte-americana de Santo Antonio, para sediar o Pan 2007. Depois dos Jogos Sul-americanos de 2002, este será o segundo grande evento esportivo internacional (e o maior de todos) sediado na cidade. Mas, seguramente, não será o último. ■



Clube Escola, o terceiro

L A R
dos jovens

Por: Walter Feldman, Secretário de Esportes da cidade de São Paulo

Estamos a poucas semanas do início dos Jogos Pan-Americanos de 2007. Quarenta e quatro anos depois da realização do Pan de São Paulo, o Brasil volta a receber uma edição desta competição esportiva de grande calibre. Muitos serão os benefícios para o crescimento do esporte que decorrerão destes jogos. Fundamentalmente, a sociedade brasileira estará fortemente envolvida com as competições e, dessa forma, o interesse do público pelas modalidades ficará realçado durante e após o período do Pan. Isso abrirá a possibilidade de que haja mais investimentos privados e, consequentemente, melhores resultados a longo prazo. Por outro lado, o poder público também tem um papel fundamental na consolidação do esporte entre os indivíduos presentes na sociedade. Trata-se de um grande desafio colocar as atividades esportivas em evidência enquanto existem diversos problemas

em outras áreas, como da educação e da saúde.

No município de São Paulo, que contará com um alto número de representantes na delegação brasileira dos jogos, medidas vêm sendo adotadas no sentido de utilizar o esporte como ferramenta de inserção social dos cidadãos. Exemplo disso são os programas Clube Escola e Jogos da Cidade.

No caso do Clube Escola, a preocupação reside em fornecer aos jovens que freqüentam as escolas públicas municipais um local em que possam continuar o processo diário de aprendizado e entrar em contato com as diversas modalidades esportivas. Os Clubes da Cidade e Clubes da Comunidade, em resumo, serão os “terceiros lares” dos jovens.

Já os Jogos da Cidade cumprem papel de integrarem as diversas comunidades em torno de um ideal de grupo. Equipes das 31 subprefeituras

paulistanas estão envolvidas na busca da primeira colocação regional nas nove modalidades em disputa, além do privilégio de serem as representantes da sua subprefeitura na fase municipal da competição.

A expectativa em relação ao sucesso desses programas é bastante grande, e quando se menciona a palavra “sucesso”, é em um sentido mais amplo do que a simples vitória numa competição. A verdadeira ambição é muito maior. Queremos revelar vencedores nos campos, nas quadras, nas piscinas, nos tatames, mas também na vida profissional e cultural.

Assim sendo, é importante que se tenha consciência de que o trabalho não vai parar quando os Jogos Pan-Americanos se encerrarem. Ao contrário, será esse o momento de agir para que a nossa sociedade aproveite todos os benefícios proporcionados por uma base esportiva sólida. ■

NEGROS EM FOCO

Apresentação: José Vicente
e Francisca Rodrigues

Negros em Foco
na tevê aberta.
Essa conquista é sua.

O programa Negros em Foco acaba de conquistar um importante espaço na tevê aberta: **todos os domingos, às 13 horas, na Rede Gazeta**, você assiste ao programa que fala com você. Entrevistas, política, emprego, saúde e todos os assuntos que fazem parte de nossas vidas. Não perca. Essa conquista é sua.

Assista também aos sábados, às 21 horas, na Boa Vontade TV e na Rede Mundial de Televisão, e aos domingos, às 21h30, na Rede Brasileira de Integração RBI, canal 14 UHF.

Realização: Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural e Unipalmares - Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.



domínio queniano

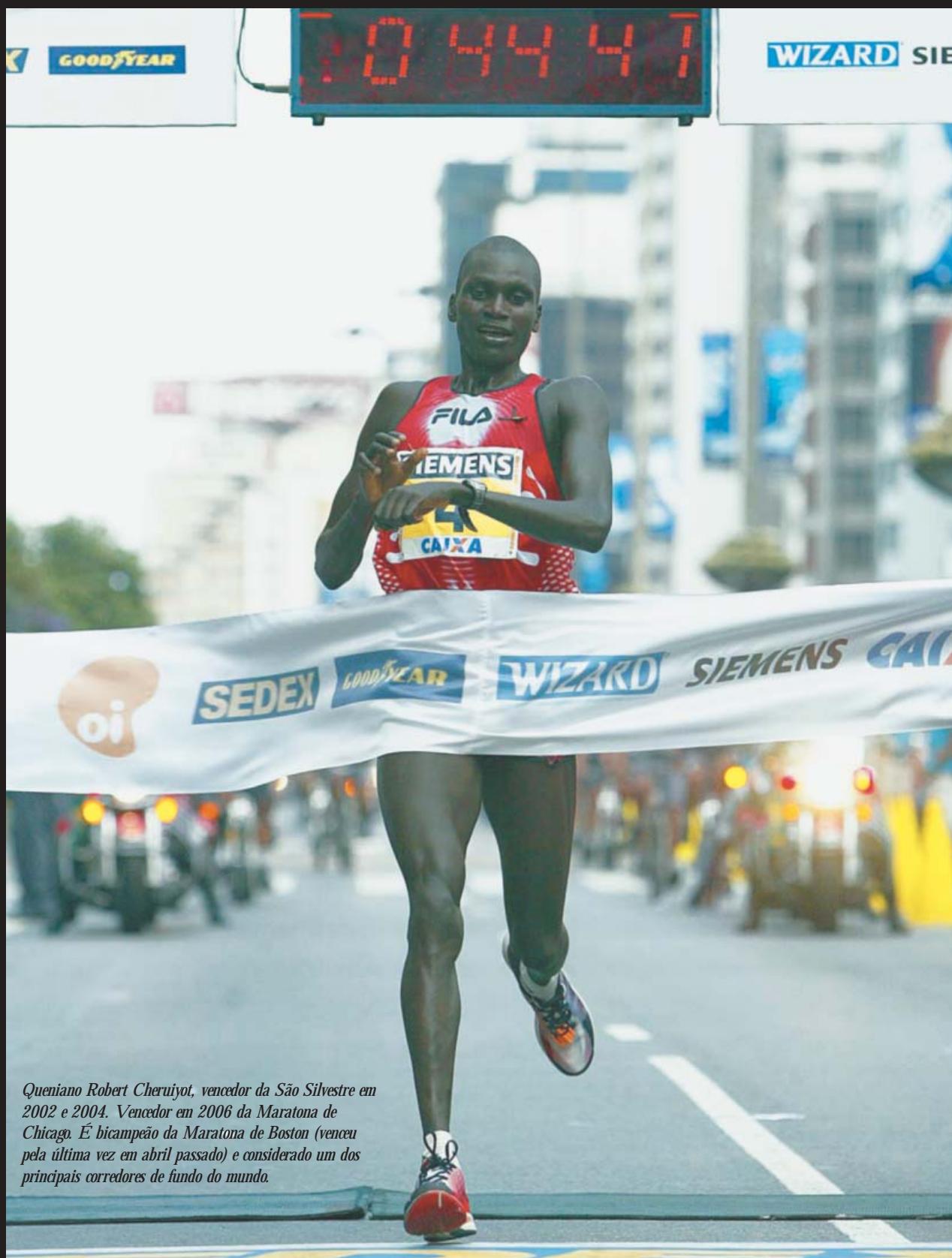
Por: Ricardo D'Angelo, Treinador de Atletismo, Graduado em Educação Física, Mestrado em Biocinética da Motricidade Humana pela Unesp/Rio Claro ()*

Qual o segredo dos corredores quenianos para o sucesso mundial nas corridas de longa distância? Esta é uma pergunta que sempre nos fazemos. E todas as respostas, embora tentando justificar a natureza desta qualidade desses atletas, muitas vezes não são muito esclarecedoras. Apresento aqui um estudo de Henri B. Larsen, publicado na revista *Comparative Biochemistry and Physiology Part A*, em março de 2003, em que o autor apresenta alguns aspectos interessantes, como seguem.

Durante as duas últimas décadas, mudou dramaticamente o cenário masculino internacional de fundo e meio fundo. Apenas 17 anos atrás, todas as

distâncias de 800 m a maratona eram dominadas por europeus. Nos dias de hoje, a proporção de atletas entre os 20 melhores do mundo está assim: 11,7% de europeus; 85% de africanos, dos quais 55,8% são quenianos. Então, o que faz os corredores quenianos correrem tão bem? Os fatores a considerar são: dotação genética, formação, treinamento e altitude (2000 m), bem como, especificamente para o excelente desempenho em corridas de fundo, a combinação entre a alta capacidade de liberação de energia aeróbia, alta utilização do consumo máximo de oxigênio durante a competição e uma boa economia de corrida.

Com o objetivo de estabelecer uma relação entre todos estes fatores, o autor, através de uma extensa revisão da literatura, identificou todos os parâmetros necessários para sugerir o porquê desta superioridade dos atletas quenianos. O consumo máximo de oxigênio, sua alta taxa de utilização durante a competição e a economia de corrida são cruciais fatores para o sucesso. Investigações destes fatores-chaves indicam que a superioridade do Quênia nas corridas de longa distância se deve a uma única combinação destes fatores. Especialmente a economia de corrida dos quenianos tem sido mostrada como uma habilidade, onde a forma do



Queniano Robert Cheruiyot, vencedor da São Silvestre em 2002 e 2004. Vencedor em 2006 da Maratona de Chicago. É bicampeão da Maratona de Boston (venceu pela última vez em abril passado) e considerado um dos principais corredores de fundo do mundo.

corpo aparece sendo um ponto crítico. Entretanto, por este ângulo, muitos etíopes, negros sul-africanos e indianos parecem ter quase a mesma forma do corpo dos quenianos.

Podemos até especular por que corredores destes países não apresentam o mesmo nível dos corredores quenianos nas corridas de longa distância. De fato, os corredores de elite sul-africanos têm mostrado atualmente uma economia de corrida similar a dos quenianos. O que lhes falta é provavelmente um alto consumo máximo de oxigênio ou a habilidade em usar um porcentual suficientemente alto deste consumo quando estão correndo. Após perceberem o talento para a corrida dos quenianos, agentes ocidentais e treinado-

res têm trazido recursos financeiros e reconhecimento para a corrida de fundo no Quênia, e, por meio disso, de uma maneira ocidental, contribuído para o desenvolvimento do potencial dos quenianos e para o sucesso dos quenianos na corrida de longa distância. Se isto poderia acontecer em alguma outra parte do mundo, é uma pergunta que ainda nos intriga. Será que existem outros lugares no mundo, onde as pessoas possuem dotação genética e propriedades fisiológicas para o desempenho atlético similar a dos quenianos e, paralelo a isso, um ambiente de apoio sócio-econômico, político e cultural para sustentar um similar desenvolvimento? Sim, provavelmente, mas para outra modalidade de desempenho

que a corrida, onde os quenianos podem ser únicos.

Concluindo, podemos observar que este estudo, nos mostra que os atletas quenianos apresentam um fator diferencial na avaliação com os demais atletas do mundo. Embora apresentem o mesmo potencial, ou seja, podem atingir altos níveis de consumo máximo de oxigênio como os outros atletas pelo mundo, conseguem sustentar esta alta intensidade por um tempo mais prolongado. ■

*Referência Bibliográfica: *Kenyan dominance in distance running*. Henrik B. Larsen, Comparative Biochemistry and Physiology Part A 136 (2003) 161-170.

(*) É treinador do medalhista olímpico Vanderlei Cordeiro de Lima, da equipe Pão de Açúcar/BMF e da Confederação Brasileira de Atletismo.



Foto: Fernanda Paradizo

Ricardo D'Angelo ao lado de Vanderlei Cordeiro de Lima, medalha de bronze na maratona na Olimpíada de Atenas/2004



Excelência em Pós-graduação

Lato Sensu

DIREITO

Direito Civil
Direito do Trabalho
Direito
Internacional
Direito Penal
Direito Processual
Direito Tributário

EDUCAÇÃO

Educação
Matemática
Psicopedagogia
na Educação

ENFERMAGEM

Enfermagem do Trabalho
Enfermagem
em Centro Cirúrgico
Enfermagem em UTI
Saúde da Família

ENGENHARIA E EXATAS

Engenharia de Redes
e Sistemas
de Telecomunicações
Engenharia de Segurança
do Trabalho
Gestão de Manutenção
Produtiva
Gestão em Engenharia
de Manutenção

FINANÇAS

Controladoria de
Empresas
Gestão Financeira
Avançada
Mercado de Capitais

FISIOTERAPIA

Fisioterapia Neurológica
Adulta e Pediátrica
Fisioterapia Respiratória
Terapias Manuais

INFORMÁTICA

Projeto
e Desenvolvimento
de Sistemas Web
Segurança da Informação
Sistemas em
Software Livre
Tecnologia da Informação

LETRAS

Língua Inglesa e Tradução
Língua Portuguesa e
Literatura

ODONTOLOGIA

Cirurgia e Traumatologia
Buco-maxilo-faciais
Dentística
Endodontia
Implantodontia
Odontopediatria
Ortodontia
Periodontia

ADMINISTRAÇÃO

Administração de
Recursos Humanos
Administração Geral
Administração Hospitalar
Gestão de Negócios
em Turismo
e Hospitalidade
Gestão da Qualidade
Gestão de Organização
do 3.º Setor
Gestão de Projetos
Gestão de Finanças
Gestão de Processos
Produtivos
Logística Integrada
Marketing
Negócios Internacionais

ARQUITETURA

Arquitetura e Paisagem

COMUNICAÇÃO

Comunicação e Mídia
Marketing e Comunicação
de Mercado
Marketing Internacional

PSICOLOGIA

Arte-terapia
Psicoterapia Breve
Operacionalizada

MBA - MASTER BUSINESS ADMINISTRATION

Administração
de Finanças e *Banking*
Arquivologia e Gestão
Documental
Comércio Exterior -
Logística Internacional
Direito Desportivo
Gestão da Tecnologia
de Informação e *Internet*
Gestão Estratégica:
Habilitação
em Serviços
Programa Executivo
em Finanças Aplicadas
a Instituições
do Mercado Segurador

Cursos presenciais e presenciais com interação on-line.

Administração de Recursos Humanos | Administração Geral

Administração Hospitalar | Direito do Consumidor

Formação de Professores para o Ensino Superior | *Marketing*

Stricto Sensu

Doutorado D e Mestrados M recomendados pela Capes - MEC

Engenharia de Produção D Administração M
Engenharia de Produção M Comunicação M
Medicina Veterinária M Odontologia M

Descontos diferenciados, na Pós-graduação
Lato Sensu, para ex-alunos da UNIP e empresas.

Informações: 0800 010 9000 ou pelo site www.unip.br

a Conquista em esportes de elite

Por Camila Vicente, da Redação

Tiger Woods, o ímpar do golfe americano

Eldrick “Tiger” Woods, 32 anos, nascido em Cypress, Califórnia, EUA, é considerado um dos melhores golfistas de todos os tempos.

Criança prodígio, Eldrick começou a jogar golfe aos dois anos de idade. Com cinco anos ele apareceu no sumário do golf e no abc que incredible. Ao longo de sua vida foi acumulando títulos. Com apenas 15 anos ascendeu para o número 1 no ranking.

Em 2005, aos 30 anos de idade, ele alcançou a marca de dez grandes conquistas do golfe profissional, colocando-o em terceiro na lista atrás de Jack

Nicklaus e Walter Hagen. Incluindo seus três Campeonatos Amadores dos EUA, ele e Bobby Jones foram os únicos golfistas a ganhar 13 títulos importantes antes dos 30 anos de idade. Faturou mais vezes no PGA Tour do que qualquer outro golfista em atividade. Por ser negro, Woods é creditado o surgimento de um grande interesse pelo jogo de golfe, especialmente entre as minorias raciais e jovens nos Estados Unidos.



Foto: Divulgação



Irmãs Williams, exemplo de garra

Serena Jameka Williams, 21 anos, e Vênus Ebone Starr Williams, 23 anos, viveram suas infâncias em um bairro pobre e violento nos arredores de Los Angeles, EUA, ao lado dos pais e de mais três irmãs.

De uma infância pobre em Compton, ao topo do tênis feminino mundial, hoje as irmãs Williams são consideradas pelos americanos um exemplo perfeito de *self-made*, ou seja, pessoas que subiram na vida através do próprio esforço e com muita perseverança.

A história das Williams é bem peculiar, pois foram concebidas

Foto: Divulgação



Vênus Williams

Foto: Divulgação



Serena Williams

e treinadas pelo próprio pai para se tornarem verdadeiras máquinas de jogar tênis e, com isso, tivessem melhores condições de vida. Assim pensou e agiu o genitor e treinador, Richard. "Quando vi uma tenista ganhar muito dinheiro com o esporte, virei para minha mulher e disse: vamos ter filhos e torná-los tenistas", recorda-se. Obcecado pela idéia, Richard encontrou nas duas filhas o talento e a obstinação necessárias. Praticamente, treinadas desde o berço, Vênus e Serena largaram a escola e passaram a estudar em casa, com a mãe, para não atrapalhar a prática esportiva. Toda a carreira das irmãs foimeticulosamente planejada pelo pai. Há quem critique o estilo excessivamente físico e a força com que jogam, uma vez que Vênus saca a mais de 190 km/h, velocidade superior a de muitos homens, enquanto Serena já foi o número 1 do mundo. Em 1999 ganhou o seu primeiro Grand Slam* transformando-se na primeira mulher americana negra a ganhar um Slam, desde 1958.

*Conhecidos como os Torneios do Grand Slam são considerados pelo grande público como importantes competições de tênis da temporada, além de serem os mais bem dotados em prêmios e pontos para a classificação mundial.

O protesto dos Panteras Negras

Por: Francisca Rodrigues, Editora-executiva

1968! O mundo fervia, com manifestações por toda parte. Na Tchecoslováquia o governo tentou se afastar de Moscou na que ficou conhecida como “Primavera de Praga”.

Na própria cidade sede dos Jogos Olímpicos na capital do México, dias antes dos XIX Jogos Olímpicos, na Cidade do México, cerca de dez mil estudantes ocuparam a Plaza las Tres Culturas em protesto contra a ocupação de militares em duas universidades públicas. A União Soviética invadiu Praga. O líder negro Martin Luther King foi assassinado. O mundo queria mudanças e esse desejo não era diferente no esporte.

Participaram dos Jogos no México 5.531 atletas representando 113 países.

Os EUA obtiveram 45 medalhas de ouro contra 29 da União Soviética. O Brasil ganhou 1 medalha de prata, no salto triplo, com Nelson Prudêncio

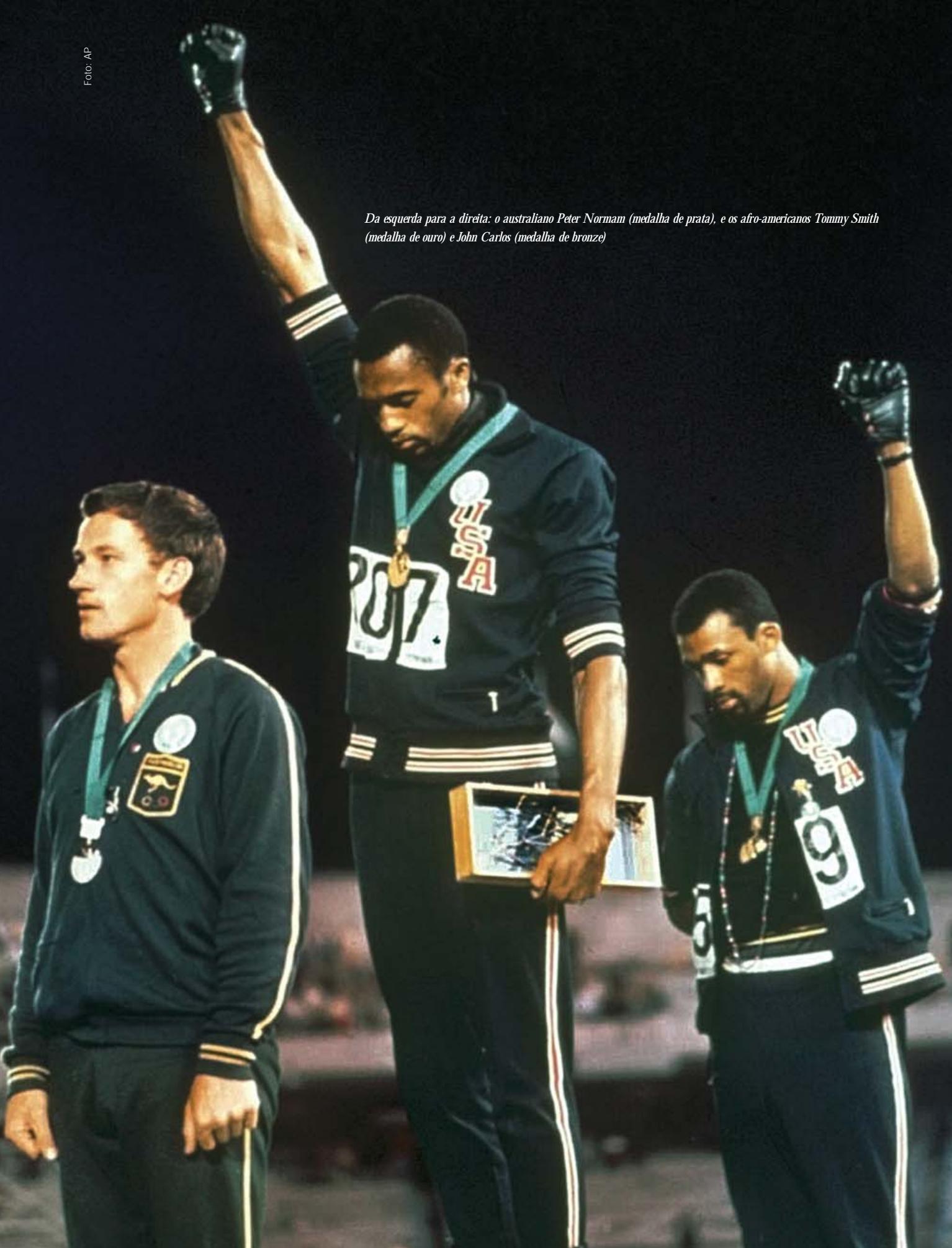
||| O protesto fora planejado pelos americanos ainda no campus da faculdade, na Califórnia. Caso um deles conquistasse medalha, usaria o pódio como palco para denunciar a desigualdade racial nos Estados Unidos

e 2 medalhas de bronze (1 no iatismo, na classe Flyin Dutchman e 1 no boxe, com Servilio de Oliveira). Pela 1ª vez a pira olímpica foi acesa por uma atleta feminina, a jovem Norman Enriqueta Basilio.

A prova dos 200 metros foi vencida pelo afro-americano Tommy Smith, detentor de 11 títulos mundiais em corridas de curta distância, assombrando o mundo, pois era a primeira vez que se alcançava esse recorde em menos de 20 segundos. Arrebatamento semelhante em estádio olímpico só ocorreria 20 anos depois, em Seul, na Coréia do Sul, quando o canadense Ben Johnson correu 100 metros rasos em 9.79 segundos.

O bronze ficou com John Carlos, afro-americano e aluno do San Jose State College, da Califórnia, mesmo college de Smith, que liderava a prova, mas desconcertou-se com a performance de Smith e acabou abrindo espaço para o

Da esquerda para a direita: o australiano Peter Norman (medalha de prata), e os afro-americanos Tommie Smith (medalha de ouro) e John Carlos (medalha de bronze)



australiano Peter Norman conseguir o segundo lugar.

Na hora de subir ao pódio para receber as medalhas, o que aconteceu ali ficou na história do esporte e marcou as imagens dos anos 60. Dois negros americanos de punho erguido, cabos-baixos e descalços, em protesto contra o racismo.

“O protesto fora planejado pelos americanos ainda no campus da faculdade, na Califórnia. Caso um deles conquistasse medalha, usaria o pódio como palco para denunciar a desigualdade racial nos Estados Unidos. Assim, entraram juntos na saleta onde os vencedores aguardavam o momento de serem chamados para a premiação, e foram cuidar do visual. Para espanto do australiano, que se esmerava em ajeitar a juba e alisar o uniforme, Tommy Smith

e John Carlos tiraram os tênis e calçaram meias pretas. Contaram a Norman que fariam um protesto e explicaram que os pés descalços simbolizavam os bolsões de pobreza negra dos Estados Unidos. Em seguida, Carlos enfiou um colar de grãos e Smith amarrou um lenço preto no pescoço. Esclareceram que os adereços eram referência aos negros linchados da história americana. Norman a tudo ouvia, intrigado. Faltando poucos minutos para serem chamados, os americanos se deram conta, frustrados, que Carlos esquecera de trazer o par de luvas negras, elemento essencial do seu kit-protesto. Os parceiros tinham planejado erguer os punhos aos primeiros acordes do hino nacional, e sem as luvas o gesto perdeia impacto. Foi então que o australiano

no acordou: sugeriu que Smith e Carlos usassem, cada um em mãos diferentes, apenas uma das luvas do par que restava. E fez mais. Pediu um dos adesivos de defesa dos direitos humanos, que os americanos ostentavam, grudou-o no peito e declarou-se pronto para subir ao pódio”, escreveu Dorrit Harazim, para a revista PIAUÍ, sobre a morte de Norman, o terceiro homem da famosa foto.

O público que lotava o Estádio Nacional não percebeu de imediato o que se passava. Foi com o semblante carrega-

Na hora de subir ao pódio para receber as medalhas, o que aconteceu ali ficou na história do esporte e marcou as imagens dos anos 60

do que os atletas acompanharam o içamento das bandeiras. Aos primeiros acordes do hino nacional, Smith ainda pareceu entoar a letra. Depois se calou, e abaixou a cabeça. Começou, então, a erguer o braço direito enluvado, em sincronia com o braço esquerdo de Carlos. A saudação do *black power* tinha invadido os Jogos Olímpicos. Norman foi crucificado pela imprensa de seu país e recebeu reprimenda do comitê olímpico australiano. Para Smith e Carlos as consequências foram implacáveis e duradouras. De imediato, o Comitê Olímpico Internacional – COI –, proibiu que os dois velocistas tivessem outras participações (ambos estavam escalados para integrar a equipe americana de revezamento) e exigiu a expulsão da dupla da Vila Olímpica.

Smith e Carlos retornaram aos Estados Unidos como párias, acusados de introduzir a política no olimpismo e de querer destruir o tecido social de seu país. “Mas qual país?”, perguntavam em uníssono. “A América branca diz que somos americanos quando vencemos e que somos negros quando fazemos algo que julga errado.”

Apesar dos ataques e do ostracismo, nem Carlos nem Smith mudaram de posição. Quem mudou foi o curso da história. Às vésperas da Olimpíada de 1984, John Carlos foi ressuscitado pelo

Comitê Organizador dos Jogos de Los Angeles para promover o esporte junto à juventude negra. Smith foi chamado a treinar uma equipe de atletismo. Em 1999, a faculdade San Jose State, de onde ambos tinham saído três décadas antes, inaugurou uma estátua comemorativa ao gesto dos

ex-alunos. E como não poderia haver inauguração sem a presença do terceiro homem, convidaram Norman.

Nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, o brasileiro Diogo Silva, que conquistou um inédito quarto lugar no taekwondo, aproveitou a luta final para fazer um protesto contra a falta de apoio ao taekwondo no país, após perder a medalha de bronze. Ele entrou na luta com uma luva preta dos Black Panthers (Panteras Negras), que o juiz o fez tirar. “É um sinal de protesto, da indignação. Por mais que a gente batalhe, nosso sacrifício não é recompensado. Foi meu protesto para que o Brasil veja a dificuldade que o esporte amador enfrenta. A gente merecia mais apoio do governo e dos empresários”, desabafou o lutador. ■

MaxGov, a solução para relacionamento com o setor público

O MaxGov é o melhor meio para o seu relacionamento com o Governo. A ferramenta torna o envio das suas informações para as entidades governamentais do Brasil muito mais dinâmico e produtivo.

Os recursos oferecidos pelo sistema permitem, entre outras funções, rápidas consultas e criação de mailings baseados no filtro avançado de informações do IBGE.

Ideal para: ceremonial, chefia de gabinete, relações governamentais, agenda de secretárias, entidades de classe, entre outros.

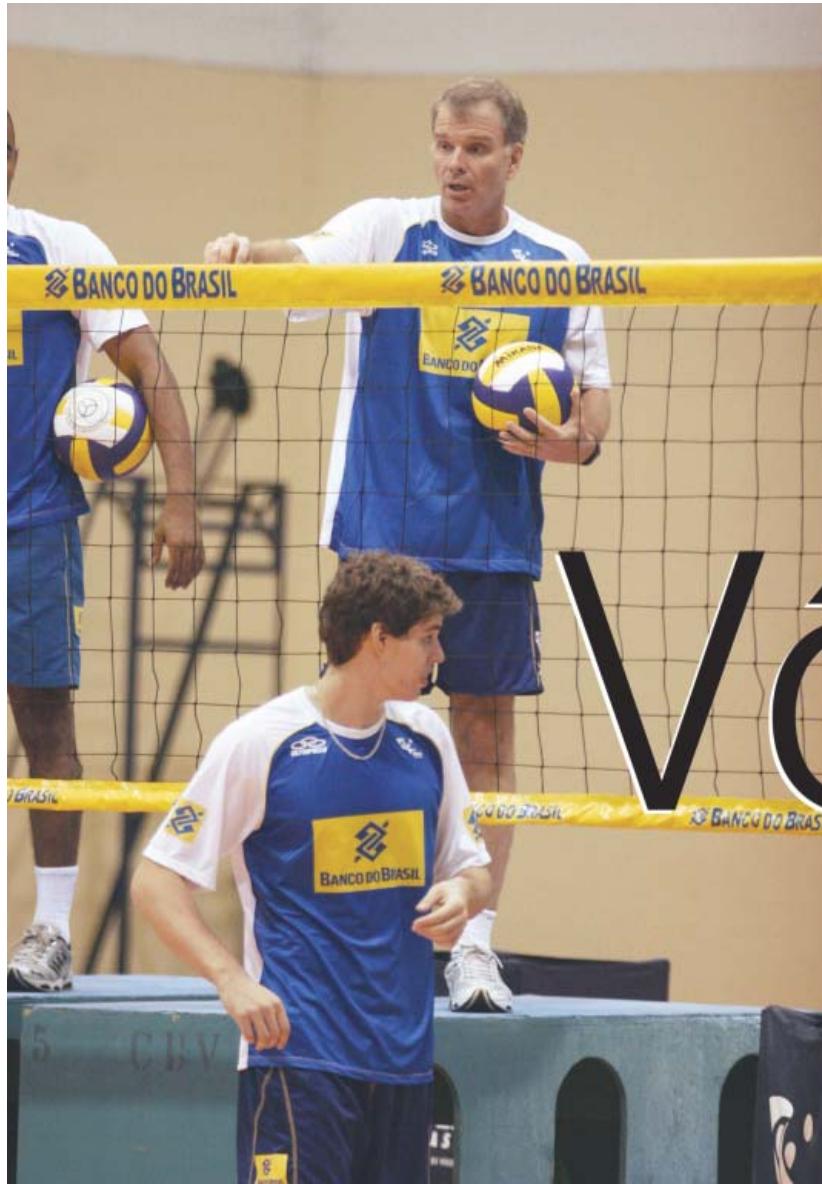
Aumente os resultados das suas ações com a mais completa solução em relacionamento com o Governo.



www.maxgov.com.br

3341-2800 / 3346-2266

 **MaxGov**
O seu canal com o Governo



Bernardinho

Brasil, o país do futebol e do Vôlei também

Seleção masculina será uma das maiores atrações dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro //

Por: João Pedro Nunes, especial para Afirmativa Plural

O vôlei brasileiro há muito tempo deixou de ser um mero coadjuvante no cenário internacional. Há pelo menos 26 anos o esporte é respeitado e faz parte da lista dos preferidos do grande público. Tudo indica que nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, o vôlei seja coroado como a modalidade de ouro e consagre uma geração talentosa e disciplinada de jogadores. Por

tudo isso, o Brasil não é mais só o país do futebol, pentacampeão mundial. É do vôlei também.

A seleção masculina entra no Pan como um verdadeiro Dream Team. Campeã olímpica na Grécia, bicampeã mundial no Japão e hexacampeã da Liga Mundial na Rússia, a equipe orientada pelo técnico Bernardo Rezende, o Bernardinho, busca o título que falta a esta brilhante ge-

ração. Em 2003, na República Dominicana, a seleção ficou com a medalha de bronze, depois da surpreendente derrota para a Venezuela nas semifinais. O tropeço pan-americano ainda hoje está engasgado na garganta do grupo, que elegeu a “Olimpíada das Américas” como uma prioridade deste ano. Sempre em busca de desafios, a seleção masculina terá como palco o

Ginásio do Maracanãzinho, que fica no complexo do Maracanã.

Ricardinho, Giba, Gustavo, Dante, André Nascimento, Escadinha e companhia vão em busca da medalha de ouro, encarando todas as dificuldades que o favoritismo impõe, segundo Bernardinho. "Sei que temos o rótulo de franco favorito, mas essa situação é a pior que podemos enfrentar. Muitos de nossos jogadores estão vindo de uma temporada puxada, sem férias e, alguns, recuperando-se de lesões. Tenho que pensar nisso tudo", lembra o treinador. "Entraremos na competição como a equipe a ser batida. Como favoritos, se vencermos é obrigação. Se perdermos, uma tragédia nacional. Quem nos enfrentará, poderá jogar como franco-atirador, que é uma posição cômoda."

Crescimento

O vôlei brasileiro, na verdade, está entre os melhores do mundo desde 1981, quando a seleção masculina de William, Bernard, Amauri, Xandó, Montanaro, Renan, Fernandão e Bernardinho, entre outros, fez história ao conquistar a medalha de bronze da Copa dos Campeões do Japão. Depois disso, a equipe passou a ser conhecida como

Foto: Alexandre Arruda/CBV



Levantadora Fofão



Seleção feminina treina na areia, em Saquarema - RJ

"geração de prata". Comandada pelo técnico Bebeto de Freitas, a seleção foi vice-campeã no Mundial da Argentina, em 1982, ouro no Pan-Americano de Caracas, em 1983, e prata na Olimpíada de Los Angeles, em 1984.

Os frutos desta geração não demoraram a surgir. Ainda na gestão de Carlos Arthur Nuzman como presidente da Confederação Brasileira de Vôlei (hoje dirige o Comitê Olímpico Brasileiro), a seleção masculina comemorou a medalha de ouro na Olimpíada de Barcelona, em 1992 – a primeira na história de um esporte coletivo. Com José Roberto Guimarães à frente, a seleção tinha como estrelas Maurício, Marcelo Negrão, Carlão, Paulão, Tande e Giovane. Dez anos depois, apenas com Maurício e Giovane como remanescentes no grupo, começou a "Era Bernardinho", com a medalha de ouro no Campeonato Mundial da Argentina, abrindo uma seqüência incrível de conquistas e um domínio fantástico num esporte muito competitivo.

Sede de pódio

Assim como a seleção masculina, a

feminina também disputará o Pan-Americano com sede de pódio. O time orientado por José Roberto Guimarães teve um ano brilhante no ano passado, ganhando o hexacampeonato do Grand Prix da Federação International de Vôlei e o vice-campeonato mundial no Japão.

Unindo experiência e jovens talentos, o Brasil tem tudo para conquistar a medalha de ouro, título que não consegue desde 1999, em Winnipeg, no Canadá. Fofão, Waleswka, Sheilla, Sassá, Mari, Jaqueline, Fabiana, Renatinha, Érika, Paula Pequeno e Fabi, entre outras, devem brilhar e repetir em quadra o sucesso das musas da década de 80, que tinha Jacqueline, Isabel e Vera Mossa, campeãs do Mundialito de São Paulo. O surgimento da geração de prata no masculino e das musas no feminino detonou o primeiro *boom* do vôlei brasileiro, que ajudou a consolidar o esporte como o segundo na preferência popular, atrás somente do futebol. O resultado de tantos anos de sucesso e conquistas é o lema Brasil, o País do Vôlei, e não somente do futebol. ■

meu grande "vacilo"

Por: Lica Oliveira - Jornalista, Atriz e Atleta da Seleção Brasileira de Voleibol de 1987 - elianilica@yahoo.com.br.

"Então, está combinado! Assistiremos às finais (decisão das medalhas de bronze e de ouro) do vôlei masculino e logo depois partiremos para o ginásio de basquete, para assistirmos ao segundo tempo da decisão do basquete masculino". Este foi o acerto que eu e algumas companheiras de equipe fizemos no dia 23 de agosto de 1987, na Vila Pan Americana de Indianápolis (EUA). E este foi o meu grande "vacilo" no Pan! A princípio nem parecia tanto, uma vez que o vôlei era a minha modalidade; joguei pela equipe do Brasil naquele Pan, mas não conseguimos chegar às finais. Logo, nos caberia naquele dia, já que estava encerrada a nossa participação na competição, torcer para que a equipe de vôlei masculino do Brasil, que disputava o 3º lugar, ficasse com a medalha de bronze (o que acabou acontecendo). Outro agravante do "vacilo" foi considerar remotas as possibilidades da equipe brasileira de basquete masculino vencer a grande decisão contra a poderosa equipe dos Estados Unidos, marcada para aquele mesmo

dia, quase no mesmo horário e em um ginásio não tão próximo do ginásio do vôlei. Então... Estava combinado! A decisão do ouro no voleibol masculino foi disputada entre os Estados Unidos e Cuba. A medalha dourada ficou com os cubanos, em um jogo disputado, bonito... mas, a emoção mesmo estava acontecendo a poucos quilômetros dali, no ginásio do basquete, onde a equipe brasileira, liderada por Oscar Schmidt, começava a grande virada sobre a equipe norte-americana e estava a um passo da consagração do basquete brasileiro. Adentramos no ginásio do basquete e "PENN!" souu a campainha anunciando fim de jogo. Chegamos a tempo de presenciar a comemoração dos jogadores ainda em quadra. O ginásio inteiro parecia não acreditar naquele resultado: Brasil 120 X Estados Unidos 115, na casa deles, o que tornava a conquista ainda mais celestial. Apesar de não ter assistido à tamanha façanha, saboreei com muito entusiasmo aquela vitória. Os jogadores estavam em êxtase.

Como de costume, eu e os outros atletas brasileiros das diversas modalidades presentes naquele ginásio usávamos o uniforme de passeio da delegação do Brasil, o que facilitava a nossa identificação no meio daquela multidão desapontada, mas consciente dos méritos da equipe do Brasil, e assim, nos cumprimentava com respeito; e nós, orgulhosos, nos exibíamos recebendo os cumprimentos e elogios como se fôssemos "pais dos noivos".

Bom, felizmente tive a oportunidade de assistir ao vídeo tape do jogão na tv, mas sempre lamento não tê-lo assistido "in loco", ao vivo e a cores. Que "vacilo"!

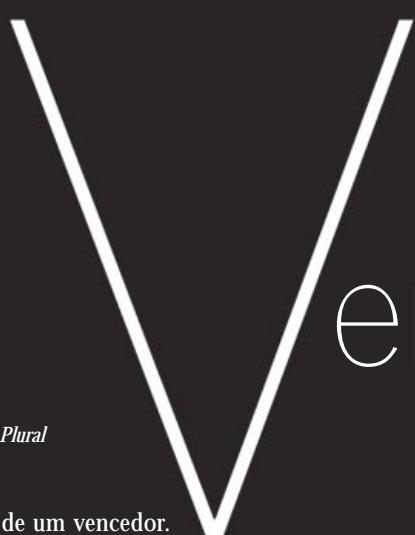
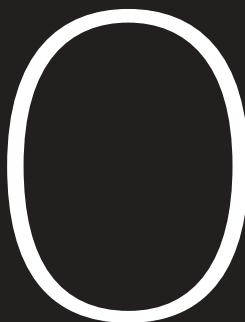
Faz 20 anos, mas ainda posso sentir a energia que uma competição como esta pode nos proporcionar. Hoje, experimento a sensação de viver na cidade que receberá estes atletas maravilhosos que estão se preparando para realizarem aqui, parte dos seus sonhos. Espero ser testemunha ocular de mais alguns destes feitos gloriosos do cenário esportivo. Sejam bem-vindos! ■

no Pan



Foto: Arquivo pessoal Lica

Lica - (ao centro) - posição 3, Ana Richa (lado esquerdo) - posição 2 - Ana Cláudia (lado direito)- posição 4 e Fernanda Venturini (ao fundo) - posição 1.



vencedor

Por: Daniela Gomes, especial para Afirmativa Plural

Durante sua carreira Adhemar Ferreira da Silva, um dos maiores atletas brasileiros se consagrou como pentacampeão Sul-Americano, tricampeão Pan-Americano, dez vezes campeão brasileiro e obteve mais de 40 títulos e troféus internacionais. Seu destaque entre os demais competidores fez com que o clube no qual treinava lhe rendesse uma importante homenagem. O São Paulo Futebol Clube aderiu duas estrelas douradas à camisa de seu uniforme simbolizando as medalhas olímpicas do atleta, homenagem que permanece até hoje dentre os emblemas do time.

Vitórias e mais vitórias. Antes dos 30 anos Adhemar ainda conseguia mais um feito ao quebrar novamente o recorde olímpico obtendo a marca de 13,05 m no salto triplo. E com isso tornou-se o único brasileiro bicampeão olímpico, título que só ele possuiu durante quase 50 anos no Brasil até que nomes como os iatistas Robert Sheidt e Torben Grael, entre outros, conseguiram se igualar.

Negro, pobre e nascido na periferia de São Paulo. Essa poderia ser mais uma história comum ou de sofrimento, mas no caso de Adhemar Ferreira da Silva é apenas o início da história

de um vencedor.

Nascido no bairro da Casa Verde na zona norte de São Paulo, no dia 29 de setembro de 1927, Adhemar Ferreira da Silva era filho de um ferroviário e de uma cozinheira. Um menino magro, que como tantos outros sonhava em ser jogador de futebol e, com isso, dar uma vida melhor para sua família.

Mas o destino reservava outro caminho para o jovem. Aos 19 anos foi levado por um amigo a uma pista de atletismo dentro do São Paulo Futebol Clube. Ali se encantou com o salto triplo e começou a treinar. Segundo o próprio Adhemar, o que o levou a praticar foi a sonoridade da palavra atleta que o atraiu e o fez gostar do esporte. As dificuldades não seriam poucas, entre ter que trabalhar durante o dia e estudar a noite. O único horário que o atleta encontrou para treinar foi o do almoço, mas a força de vontade foi muito maior do que todas as barreiras e em pouco tempo superou a marca dos 15 metros, o que lhe garantiu uma vaga nas Olimpíadas de Londres em 1948. Aquele ainda não era o ano do atleta. Em Londres alcançou apenas o 14º lugar na competição, porém o desânimo não iria abater quem tinha sede de vitória. Continuou disputando em

outras competições e conseguiu medalha de ouro nos jogos Pan-Americanos de 1951, em Buenos Aires, o que só aguçou a vontade de subir em um pódio olímpico.

Adhemar não precisou esperar muito para realizar seu desejo, já no ano seguinte, em 1952, disputou a Olimpíada de Helsinque, na Finlândia e mesmo sem esperar, conseguiu bater quatro vezes em uma mesma tarde o recorde mundial que era de 16 metros.

Como forma de comemoração e agradecimento ao público que prestigiava sua vitória, o atleta resolveu percorrer toda a extensão da pista saudando o público, mesmo sem saber, acabava de criar a consagrada volta olímpica, até hoje realizada por vencedores das mais diversas competições.

No intervalo entre uma olimpíada e outra, nada de descanso. Para ele estavam reservadas mais vitórias e elas com certeza viriam. Ganhou medalha de ouro novamente nos jogos Pan-Americanos da Cidade do México em 1955.

Após as Olimpíadas de Melbourne, Adhemar mostraria o caráter que iria ter como atleta. Após vencer aquela competição o governo brasileiro ofereceu uma casa como presente; mas ele recusou. Se aceitasse qualquer

pagamento seria impedido de competir nos jogos olímpicos novamente. Escollheu o esporte e dar alegria aos torcedores brasileiros.

Mas a maior derrota de Adhemar não seria nas pistas, em 1960 ao se preparar para as Olimpíadas de Roma descobre estar com tuberculose e já não consegue obter os mesmos resultados. Assim encerra sua carreira nas pistas de atletismo.

O final da carreira ao invés de o desestimular serviu como engrenagem para o deslanchar em sua vida acadêmica. Formou-se em Belas Artes, Educação Física, Direito e Relações Públicas, além de adquirir um registro oficial como jornalista. Era poliglota, falava inglês, espanhol, italiano, alemão, francês, finlandês e japonês. E passou a atuar em diversas frentes de ação, atuou na peça "Orfeu da Conceição", de Vinícius de Moraes, e também no filme *Orfeu do Carnaval*, em 1962, que ganhou o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Também se destacou como Adido Cultural na Embaixada Brasileira em Lagos, na Nigéria.

As conquistas do atleta só foram interrompidas no dia 12 de janeiro de 2001, quando aos 73 anos, sofreu uma parada cardio-respiratória em um hospital em São Paulo, onde já estava internado.

Até hoje Adhemar Ferreira da Silva é considerado um exemplo do ideal do atletismo como alternativa para uma vida de dificuldades. Como símbolo de sua importância, após a sua morte, o Comitê Olímpico Brasileiro criou o Troféu Adhemar Ferreira da Silva que segundo o próprio comitê "tem como objetivo homenagear atletas e ex-atletas que representem os valores que marcaram a vida de Adhemar". Dentre os valores que segundo o comitê merecem destaque estão: ética, eficiência técnica e física, esportividade, respeito ao próximo, companheirismo e princípios. ■

Foto: Agência Estado



Adhemar Ferreira da Silva

COB: antes e depois de Nuzman

Desde 1995, quando assumiu a presidência do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman vem trabalhando para implementar na administração do esporte olímpico brasileiro o mesmo conceito vitorioso que ele implantou na Confederação Brasileira de Voleibol, em 1975. “E temos conseguido vários progressos”, ressalta. Seu entusiasmo se justifica, hoje o COB é uma entidade moderna, ágil e conta com profissionais especializados em todas as áreas. “Procuramos dar respaldo às Confederações Brasileiras Olímpicas e motivá-las a implantar este conceito de modernidade na gestão do esporte. Para isso, tem sido fundamental a Lei Agnelo/Piva que, desde janeiro de 2002, vem disponibilizando recursos financeiros ao COB para o desenvolvimento do esporte que, por sua vez, repassa recursos às Confederações com base em projetos apresentados ao COB e aprovados pela entidade”, reforça. Os resultados nesses últimos cinco anos têm sido muito bons, com uma notória evolução da qualidade técnica de todas as modalidades esportivas. Às vésperas de sediar o Pan-Ameri-

cano, o também presidente do CORD (responsável pela organização dos jogos), Nuzman diz que o fato significa a capacidade do Rio e do Brasil de realizar eventos multiesportivos e contribuir para uma série de legados que os jogos deixarão para a cidade e também para o País, nas mais diversas áreas. Desde instalações esportivas de nível olímpico, formação de mão-de-obra qualificada, incremento no setor de negócios, como, por exemplo, turismo e hotelaria, aquisição de equipamentos para a área de segurança, formação da cultura de voluntariado e a possibilidade de inserção social a partir dos Jogos, entre outros. “Um evento desta natureza revitaliza a economia da cidade, gera investimentos na área de segurança, cria empregos e traz a oportunidade de novos negócios, antes e depois da realização dos Jogos. Outro aspecto importante é a imagem da cidade e do País no exterior, com a conquista de novos mercados e do incentivo ao turismo”, sintetiza Nuzman.

É interessante destacar que os Jogos Pan-Americanos e ParaPan-Americanos irão proporcionar a inclusão so-

cial, até porque o esporte é reconhecidamente uma das melhores ferramentas de inclusão social dos jovens, contribuindo decisivamente para afastá-los das drogas e da marginalidade. Também nesse aspecto a atuação permanente e o empenho dos três níveis de Governo – Federal, Estadual e Municipal – são fundamentais. Nuzman acrescenta, ainda, que “os Jogos Pan-Americanos e ParaPan-Americanos têm motivado os Governos a implantarem programas de formação, capacitação e participação voltados para os jovens. Certamente este será um grande legado social que o Rio 2007 deixará para a cidade”.

O Comitê Olímpico Brasileiro tem estimulado as Confederações Brasileiras Olímpicas a trazerem para o Brasil eventos esportivos de grande porte. E isso tem ocorrido também em outras modalidades, como Ginástica Artística, Vela, Tiro com Arco e Voleibol. Até porque acreditam que competições desse nível contribuem para o desenvolvimento técnico da modalidade, para a formação de ídolos do esporte e para uma proximidade maior com o público. ■



Carlos Arthur Nuzman



spor**e**,

Por: João Pedro Nunes, especial para Afirmativa Plural

O esporte há muito tempo deixou de ser apenas recreação. Bem utilizado, ele é uma poderosa ferramenta de educação e, principalmente, de formação de cidadãos. O Programa Finasa Esportes é um exemplo do bom emprego da iniciação esportiva. Desenvolvido em parceria com a Prefeitura de Osasco, o projeto não visa só a formação de atletas, mas a dar maiores oportunidades

para um grupo de cerca de 3 mil meninas. Em função do esporte, as crianças passam por um programa mais abrangente que reúne, na verdade, educação, saúde e bem-estar.

Às vésperas de completar 20 anos e de reunir cerca de 20 mil meninas em todo esse período, o Programa Finasa Esportes, que faz parte dos projetos sociais do Bradesco, atende crianças de

10 a 16 anos, divididas em 51 núcleos de formação de basquete e vôlei, na cidade de Osasco, em São Paulo.

O objetivo é proporcionar uma iniciação esportiva de qualidade, com metodologia criteriosa e ao mesmo tempo cuidar de muitos outros pontos importantes. A freqüência à escola, por exemplo, é fator determinante para a participação neste projeto, que contempla

Foto: João Pires/Jump



Finasa Festival

ferramenta de ensino

também um trabalho de orientação completo que abrange noções de higiene, gravidez precoce, stress, antidiárias e adolescência e garante uma convivência sadia em sociedade, salientando a importância do trabalho em grupo. Cerca de 70% das meninas atendidas nos Núcleos de Formação em todo o programa vêm de famílias carentes. Por isso, o projeto é essencialmente social.

Muito mais do que um programa de iniciação esportiva, os Núcleos são centros de formadores de cidadania.

Desenvolver talentos

A parte mais visível do Programa Finasa Esportes é o time adulto, oito vezes campeão paulista e três vezes campeão brasileiro. Mas quem vê a equipe principal de vôlei brigando por

vitórias nas quadras não imagina que a empresa apóia o desenvolvimento de talentos desde 1987, em Piracicaba, quando o então BCN passou a patrocinar a equipe de basquete feminino da cidade. Cerca de 600 meninas, na faixa etária de 9 a 13 anos, participavam das aulas de basquete nos diversos núcleos instalados no ginásio municipal de esportes, nos Centros Comunitários da pre-

feitura e nas escolas. O espelho dessa geração eram Magic Paula, Branca, Karina, Vânia Teixeira e a então promessa Janeth, entre outras.

Em 1993, o BCN também montou a equipe de vôlei no Guarujá e seis meses depois eram implantados os Núcleos de Formação da modalidade. O número de crianças foi maior, reunindo 800 meninas, e também teve resultados bastante positivos. Várias garotas se destacaram e foram selecionadas para as equipes mirim e infantil, tendo como ídolos Isabel, Arlene, Virna e Rosa Garcia, por exemplo. Os projetos esportivos se concentraram em Osasco a partir de 1996. Muitas meninas entraram nos núcleos e depois foram aproveitadas pelas categorias de base. Algumas acabaram se profissionalizando. Um exemplo é a atacante Juliana Sena, que começou no programa com 10 anos e aos 19 já defendia o time adulto de vôlei no Campeonato Paulista de 2006 e no Torneio Internacional Salongpas Cup do mesmo ano, jogando como líbero.

“Foi uma oportunidade espetacular, que procurei agarrar de todas as formas”, disse a jogadora, que mora em Itapevi, na Grande São Paulo. “O vôlei virou uma grande paixão.”

Foto: João Pires/Jump



Juliana Sena

Foto: João Pires/Jump



Adenízia

Melhor bloqueio

Além da iniciação, o programa preocupa-se também com o desenvolvimento das atletas. Muitas delas chegam de longe, ainda meninas e são acolhidas nas categorias de base, tendo apoio médico, odontológico e psicológico, além do escolar. A meio-de-rede Adenízia, de 20 anos, por exemplo, está há seis em Osasco. Defendeu as seleções brasileiras de base e foi eleita a melhor bloqueio do Campeonato Mundial Infanto-Juvenil da Polônia.

“Nasci em Governador Valadares, em Minas Gerais, mas com 12 anos já estava jogando vôlei. Passei pelo Espírito Santo e Santa Catarina e me fixei em Osasco pelas oportunidades que tive. Aprendi muito nesse tempo todo em que estou no Finasa”, comentou a jogadora de 1,86 m e grande potencial. “Meu sonho agora é virar titular da equipe e jogar toda a Superliga.”

O Programa Finasa Esporte atende 2.800 meninas no momento. Existem outros projetos de iniciação esportiva importantes também. A Confederação Brasileira de Vôlei tem o VivaVôlei, enquanto o Rexona tem núcleos de formação no Rio de Janeiro, no Paraná e em São Paulo. ■

*São 90 anos respeitando
e lutando pela harmonia das cores.*



www.camisariacolombo.com.br

TUDO EM ATÉ
12X
SEM JUROS*



São mais de 100 lojas em todo o Brasil.



No Brasil apenas uma em cada seis escolas públicas possui quadra poliesportiva, a valorização e a capacitação de professores da rede pública sempre ficam aquém das expectativas mundiais. O Brasil precisa de um compromisso sério com a idéia e o ideal de educação de qualidade para todos. Foi pensando nisso que a São Paulo Alpargatas, maior empresa do setor esportivo criou em 2003 o Instituto Alpargatas, braço social da empresa, responsável pela melhoria do ensino em muitos municípios nordestinos.

Um exemplo claro dos resultados obtidos pelo instituto, é a cidade de Santa Rita, na Paraíba. Antes da implantação do projeto “Educação por Meio do Esporte”, os índices de reprovação estavam entre 44% a 52%, nas 20 escolas públicas urbanas de ensino fundamental. Hoje estes números chegam a menos de 10%. A seguir, o presidente do Instituto Alpargatas, José Berivaldo Torres Araújo fala com exclusividade à Afirmativa Plural.

Afirmativa - Por que motivo a Alpargatas resolveu criar o Instituto Alpargatas e qual é a sua missão?

Araújo - O Instituto Alpargatas foi criado para organizar e dar vazão as ações sociais da São Paulo Alpargatas, que até então eram pulverizadas e pontuais. A instituição sempre valorizou a questão social restrita ao âmbito filantrópico. Desta forma, ao criarmos o Instituto Alpargatas, sistematizamos estas ações, para que pudéssemos ter certeza de que ocasionavam uma transformação social. O instituto tem como missão contribuir para a melhoria da educação de crianças e adolescentes na faixa etária de 7 a 17 anos, por meio do esporte, nas comunidades onde a empresa opera. E usamos a educação porque entendemos que este é o maior agente de

transformação para o desenvolvimento e associamos ao esporte para faz um link com o nosso produto final.

Afirmativa - Onde vocês têm núcleos de atuação?

Araújo - O instituto é corporativo, nós temos uma sede em São Paulo e também uma no nordeste, na Paraíba. Os projetos de educação por meio do esporte iniciaram no nordeste. Tivemos como base o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, e o IDH local mais baixo era exatamente na cidade de Santa Rita, na Paraíba, onde a

empresa tem fábrica. O projeto, então começou por esta região. Estes projetos são muito fortes em Santa Rita, João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba e em Natal, no Rio Grande do Norte. Nós também temos um projeto corporativo de voluntariado, o “Funcionário Cidadão” de atuação em todos os parques fabris. Neste projeto, os funcionários participavam ou desenvolveram ações com o apoio do instituto. Existem programas de atenção ao idoso, portadores de deficiências e várias outras atividades.

transformando Corações & mentes

Por: Demetrius Trindade, da Redação

Foto: Divulgação



No Centro de Excelência , crianças fazem avaliação médica para a prática esportiva

Afirmativa - Existe alguma outra área de atuação no planejamento do instituto a longo prazo ou a idéia é focar somente na educação?

Araújo - Por enquanto atuamos com projetos de ação escola, mas a tendência é de que possamos começar a atender em outras localidades e em outras áreas.

Afirmativa - Quantas pessoas são beneficiadas em todos os projetos?

Araújo - Em 2005 foram beneficiados 33.088 alunos, em 2006 uma média de 41.645 42 mil alunos. Em 2006, atuamos com 53 projetos e neste ano nós já estamos atuando em 77. São 24 projetos pós-escola e 43 de ação escola.

Afirmativa - Estes projetos são tocados e mantidos pelo instituto ou existem parcerias?

Araújo - A nossa parceria é com o poder público, através da Secretaria Municipal de Educação e da prefeitura, ou diretamente com o Estado, através da Secretaria de Educação. Nós temos um ciclo sustentável de educação por meio do esporte. Neste ciclo, todos os projetos criados são novos e inovadores. Nós estimulamos e motivamos os professores. Convidamos escola, professores e gestores a participar do processo e os incentivamos a desenvolver projetos que sejam inovadores, com uma metodologia criativa onde possam trazer benefícios que contemplam a inclusão, o maior número de alunos atendidos, a diversidade e resultados. Nós contamos também com um consultor pedagógico que nos acompanha desde o início e que faz o processo de capacitação dos professores da rede pública.

Afirmativa - O projeto já produziu alguma revelação para o esporte nacional?

Foto: Divulgação



Alunos do Instituto Alpargatas em aula de taekwondo

Araújo - A nossa prioridade é a inclusão, mas cada vez que este talento surge naturalmente procuramos incentivá-lo. Temos um menino de 11 anos, Ranielson, que é bicampeão brasileiro de taekwondo e que foi muito bem classificado no campeonato mundial da categoria.

Afirmativa - O que é e como funciona o Centro de Excelência?

Araújo - O Centro de Excelência Educacional e da Aprendizagem Sensório-Motora conta com uma equipe multidisciplinar, professores de educação física, para avaliar crianças e adolescentes de 7 a 17 anos de idade, nas qualidades físicas básicas, desempenho es-

colar, maturação sexual, coordenação motora, índice de massa corpórea e dermatogliafia, considerado um dos testes mais importantes. A dermatogliafia é um diagnóstico que identifica a pré-disposição genética das qualidades físicas dos alunos avaliados por meio do exame de impressão digital. Com os resultados as crianças serão direcionadas à modalidade esportiva mais adequada ao seu perfil, assegurando, dessa forma, a prática esportiva diversificada, a inclusão de mais alunos nas aulas de educação física e a melhoria do seu rendimento escolar. O objetivo deste centro é melhor direcionar os alunos avaliados a práticas esportivas diversificadas. ■



avaliar para construir

Por: Nelson Maculan, Secretário de Estado de Educação do Rio de Janeiro

O recém-lançado Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) deixou uma impressão positiva de um trabalho bem concebido para ampliar a qualidade de ensino no País.

As metas de resgate das escolas públicas até 2021 poderão avançar nos resultados de taxas inconcebíveis de não-aprendizagem, evasão e repetência já apurados e divulgados pelo novo método de avaliação de ensino, o Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), recentemente divulgado. O Rio de Janeiro ficou numa das últimas colocações. A média das escolas avaliadas foi inferior a quatro, mos-

trando que a rede pública no Estado está abaixo da média nacional da primeira à oitava série do ensino fundamental e também no ensino médio. Todos parecem de acordo com a grande chance do Brasil de acertar o passo, de estabelecer metas e cobrar resultados. Além de reservar R\$ 1 bilhão para investimento nos municípios com piores indicadores educacionais, o Ministério da Educação irá premiar as escolas públicas que melhorarem o seu desempenho. No próximo ano, as crianças de seis a oito anos vão fazer a Provinha Brasil, uma avaliação como a que já é feita para os alunos mais velhos, mas creio ser

duvidoso o princípio de premiar por mérito. No Rio, o nosso governo conseguiu que o Estado acabasse neste ano com o Programa Nova Escola, criado há seis anos pelas últimas gestões. O programa fazia uma avaliação externa dos alunos – de Português e Matemática e, em 2005, de ciências da natureza – e concedia gratificações a professores cujas unidades escolares, comprovadamente, apresentavam bons resultados. No total, foram avaliados cerca de 2.300.000 estudantes e, nem por isso, escapamos do vexame de mostrarmos um ensino de má qualidade. Estou convencido de que a ava-

Foto: Divulgação SEE

É hora de investir em projetos pedagógicos, na infra-estrutura das escolas, na valorização do professor e em melhores salários para eles, o que impedirá o educador de precisar lecionar em três ou quatro escolas



Nelson Maculan

liação não é para punir nem para premiar, mas sim para construir. Precisamos continuar a utilizar os exames nacionais e provas complementares nessas avaliações, mas é importante ressaltar que tipo de avaliação será essa. O melhor que uma escola pode oferecer aos seus alunos é o desenvolvimento de sua capacidade de abstração, pois esta lhe permitirá vencer os obstáculos mais difíceis de sua vida. Temos que verificar as condições dos professores e alunos e comparar nossas escolas com outras unidades que estão entre as melhores.

Esse é o princípio fundamental de um

sistema educacional republicano: o de garantir a igualdade de oportunidades, inclusive na avaliação do rendimento dos estudantes. A escola tem que fazer a diferença, pois, do contrário, se torna um depósito de crianças que mal saberão ler e escrever.

É hora de investir em projetos pedagógicos, na infra-estrutura das escolas, na valorização do professor e em melhores salários para eles, o que impedirá o educador de precisar lecionar em três ou quatro escolas. Defendo o tempo integral, com pelo menos oito horas do aluno na escola, de forma interessante, com atividades esportivas, culturais, de

informática e línguas estrangeiras. Se o estudante estiver motivado, não haverá força no mundo que o faça não aprender novos conhecimentos.

Há muito o que fazer. No entanto, é importante salientar que o desenvolvimento da educação só dará frutos nas próximas décadas, tendo em vista os anos de omissão. Precisamos da integração de estados e municípios, de boas gestões e do envolvimento do corpo docente no novo plano. A prova dos nove é na sala de aula e, com esforço, vamos avançar no ensino básico e dar início a um novo século da educação no Brasil. ■

Recentemente, o jornalista Fernando Rodrigues, da Folha de São Paulo, foi de uma atrocidade total em relação às instituições de ensino superior particulares. Seu editorial, do dia nove deste mês, intitulado Capitalismo sem Risco, foi de uma infelicidade ímpar ao escrever que “O nível médio desses estabelecimentos - com as honrosas exceções - é um lixo completo”. A crítica relacionava-se ao projeto de lei 920, proposto pela Presidência da República, que possibilitará às instituições educacionais, em débito com o Governo, que saldem suas dívidas fiscais vencidas, usando títulos públicos a serem quitados por matrículas de seus estudantes.

*Por: Gabriel Mário Rodrigues, Presidente da ABMES -
Associação Brasileira de Mantenedores de Ensino Superior,
Reitor da Universidade Anhembi Morumbi*

Por melhores e mais legítimos que pudessem ser seus argumentos contra a medida presidencial, nada justificava sua animosidade contra o ensino particular, se não estiver alicerçada em informações fidedignas e com dados concretos. Para julgar é necessário ter argumentos sólidos e não juízo de valor meramente subjetivo, tendo por base pensamento próprio. Ao menos deve-

ria conhecer o SINAES - Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior, que é o único instrumento do MEC que tem a finalidade de avaliar instituições e, que inclusive, por ser recente, ainda levará tempo para ter resultados confiáveis e consolidados. O ENADE, que faz parte deste sistema, poderia sim passar-lhe alguns elementos para uma melhor análise da situação. E sem dú-

vida, seus resultados comprovariam que o desempenho das escolas particulares não difere muito da alcançada pelo ensino público. O índice que mostra o percentual de aumento do conhecimento dos alunos ao longo de todo o curso universitário, por exemplo, é de 58,2% nos cursos oferecidos pelas instituições federais. O resultado é semelhante nas instituições particulares que é de 53,5%. Assim, o nível médio das instituições de ensino superior brasileiras se equivale. Ao contrário do que afirma o artigo, as exceções ficam por conta de poucas instituições cujo desempenho é desabonador. E para isto, o próprio MEC tem medidas saneadoras. Na questão da qualidade educacional, o melhor avaliador é, sem dúvida alguma, o mercado de trabalho e, por esta razão, o jornalista deveria estar mais bem informado. Poderia tomar conhecimento de duas pesquisas anuais realizadas pela Franceschini Análises de

Mercado, tendo como base o ranking das 500 maiores e melhores empresas da Revista Exame. Elas mostraram que mais de 70% dos executivos que ocupam cargos de alto e médio escalão, nas mais importantes organizações empresariais do Estado de São Paulo, são provenientes de instituições privadas. É lógico que esses profissionais não seriam escolhidos pelas empresas que dirigem, se tivessem se formado em estabelecimentos cujo nível de qualidade fosse aquele, injustamente, citado pelo jornalista.

De tudo isto se conclui que, por maior esforço que as escolas particulares façam para cumprir seus objetivos educacionais, muito pouco é percebido pelos meios de comunicação e pelos formadores de opinião. É culpa do próprio segmento, simplesmente porque não consegue divulgar as centenas de atividades que são realizadas pelas instituições. E não precisa ir muito longe para enfatizarmos esta afirmação, pois

da responsabilidade social

a sociedade como um todo pouco percebe e tem conhecimento das atividades de extensão que as entidades particulares fazem anualmente que, são mais de 10 milhões de atendimentos em áre-

Foto: Divulgação



Gabriel Mário Rodrigues

as como educação, saúde, direito, recriação e outras. Por esta razão, e para mostrar o que se faz habitualmente como prestação de serviços à comunidade, é que a ABMES - Associação Brasileira de Mantenedores de Ensino Superior, realizará no próximo dia 27 de outubro, o Dia da Responsabilidade Social do Ensino Superior Par-

ticular. Data esta, criada com intuito de demonstrar, de forma sintetizada, o que é feito habitualmente em todos os dias no atendimento à população. É a maneira de dar visibilidade e fazer com que as ações que são desenvolvidas diariamente pelas Instituições de Ensino Superior Privadas sejam percebidas pela sociedade. ■

MEC aprova e OAB recomenda curso de direito da Unipalmares

Por: Francisca Rodrigues, Editora-executiva

A Ordem dos Advogados do Brasil e o Ministério da Educação aprovaram a criação e a instalação da primeira Faculdade de Direito do País focada no valor e trajetória do Negro Brasileiro: a Faculdade de Direito da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

A Unipalmares, pela primeira vez desde sua criação, fará vestibular para o 2º semestre, oferecendo além do curso de Direito, também o de Comunicação Social – Rádio e TV e Tecnologia de Sistemas da Informação. Além desses,

também haverá vestibular para o já tradicional curso de Administração de Empresas, com habilitação em Administração Geral, Financeira, Comércio Eletrônico e Comércio Exterior.

Única universidade idealizada por negros, a Unipalmares tem como foco a cultura, a produção e a difusão dos valores da diversidade, é a única com esse perfil na América do Sul e uma das poucas com o mesmo objetivo no mundo – trabalhar pela diversidade e inclusão do afro-descendente no ensi-

no superior no Brasil.

Segundo manifestação da OAB Brasil, “a proposta é inovadora, possuindo um projeto diferenciado, o que justifica a criação do curso de graduação em Direito, na forma presencial, com trezentas vagas anuais, para a cidade de São Paulo/SP.”

Necessidade Social

De acordo com o parecer da OAB Brasil, na cidade de São Paulo/SP já existem “68” cursos jurídicos em funcio-



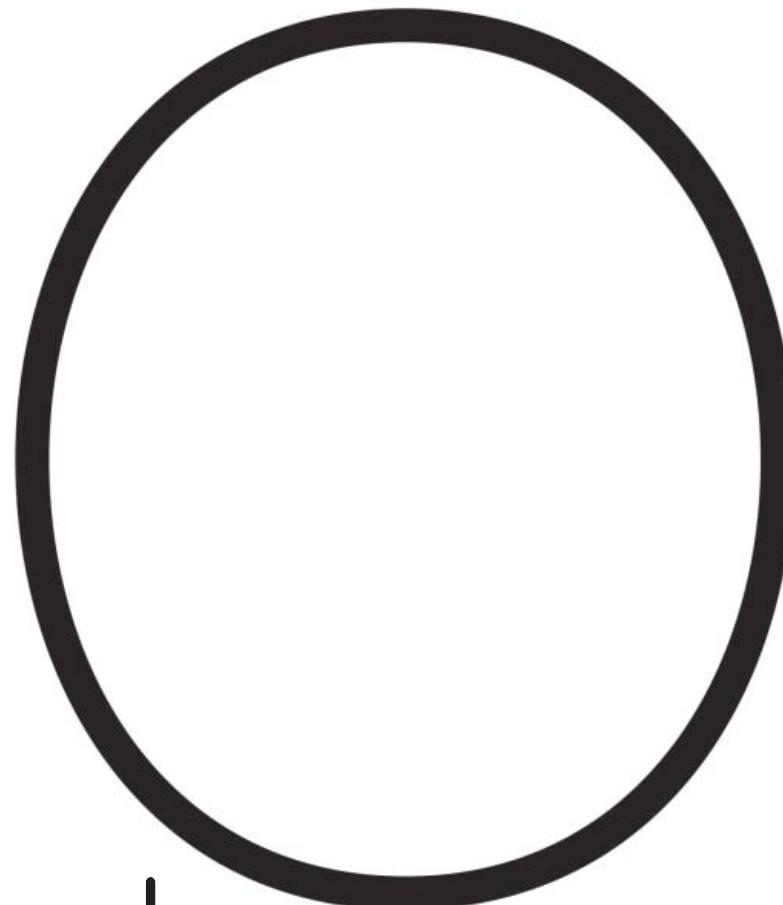
Campus II Unipalmares

namento, com uma oferta aproximada de 19.000 vagas. Considerando a população local, segundo estimativa do IBGE, de 11.016.703 habitantes, conclui-se que não há necessidade social para instalação de um novo curso. “Entretanto, a Comissão Provisória de

Ensino Jurídico deste Conselho analisou a proposta a luz do artigo 2º da Instrução Normativa n. 01/1997, encontrando características de um projeto diferenciado.”

O parecer, assinado por Adilson Gurgel de Castro, Presidente da Co-

missão Provisória de Ensino Jurídico do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil diz que “o projeto é inovador. A Comissão Provisória de Ensino Jurídico deste Conselho opina favoravelmente ao pleito da IES (Unipalmares).” ■



risco da bola



Por: Leônicio Queiroz Neto, Médico Oftalmologista do Instituto Penido Burnier e do Hospital Albert Einstein - leônicio@penidoburnier.com.br

A visão é um dos mais importantes (se não o mais importante) dos sentidos. Inclusive, todos os atletas têm de convir que enxergar – e bem – faz parte das boas finalizações e do bom desempenho nas atividades esportivas. Du-

rante os dias dos jogos da Copa do Mundo, as lesões musculares, as quedas, as fraturas e até bolhas nos pés foram motivos de problemas para os atletas. Entretanto, há um trauma que ocorre, principalmente com os jogado-

res de futebol, e que quase sempre não é lembrado: os traumas oculares.

Apesar de estarem em quarto lugar em freqüência, após os traumas ocorridos na rua, em casa e no trabalho, o trauma ocular na atividade esportiva, significa uma causa importante, pois representa 25% do total de casos. Nos EUA ocorrem, em média, 100 mil casos de acidentes com os olhos dos atletas por ano, o que representa 14% de todos os atendimentos oculares. Estudos realizados recentemente no Brasil mostram que 14% dos casos de perfuração ocular que chegam aos pronto-socorros são relacionados a lazer e esporte que envolve contato físico, raquetes, bolas rápidas e esportes aquáticos. A Universidade Federal de Santa Catarina analisou causas de traumas oculares por esporte no ano de 2004 e apurou que 50% foram causados durante partidas de futebol de campo. Estudo da Escola Paulista de Medicina mostrou que o futebol também foi a causa principal de trauma ocular. Em entrevista que realizei com 80 jogadores da Federação Paulista de Futebol, 25 já tiveram algum trauma ocular durante algum jogo.

Problemas de visão entre jogadores de futebol são muito comuns, e há alguns casos clássicos, como do ex-jogador Tostão, hoje comentarista de futebol, que teve sua carreira encerrada precocemente por causa de problemas gerados por um deslocamento de retina. Viola teve uma fratura de óbita. O então técnico da Seleção Brasileira, João Saldanha, ameaçou não convocar Pelé para a Copa de 70, porque ele não estaria enxergando bem. Considerada louca, a dedução de Saldanha foi confirmada somente há poucos anos atrás,

quando veio à tona a história de que Pelé é míope dos dois olhos há décadas e, por causa disso, teve um deslocamento de retina, que quase o deixou cego do olho esquerdo. Várias pessoas se lembram do jogador Davids, da Holanda, com seus óculos de proteção, pois realizou cirurgia para glaucoma, o que deixa os olhos mais vulneráveis. Uma coisa é certa e os estudos são claros: 90% dos acidentes oculares em todos os esportes são evitáveis. Portanto, por mais estranho que possa parecer, além das caneleiras, mais um item poderia ser incorporado no arsenal de proteção de jogadores de futebol: óculos. E isso não é nenhum exagero. Em todas as áreas da saúde, prevenir é sempre o melhor caminho. Proteger contra os raios UV e diminuir o desconforto do sol são também benefícios dos óculos de proteção. A exposição constante ao sol pode causar queimaduras na córnea, degeneração na retina, aparecimento de pterígio, além de agravar quadros de catarata.

Romário já teve pterígio, uma membrana que cresce sobre o olho e que tem que ser retirada com pequena cirurgia. Todo trauma ocular deve ser considerado potencialmente sério. Por vezes uma pequena batida nos olhos pode causar danos irreparáveis. Uma das razões para a ausência dos óculos nos jogos são as normas futebolísticas que estabelecem que o atleta não pode entrar em campo com acessórios que possam machucar o adversário. Por isso, a questão do uso obrigatório dos óculos de proteção ainda é motivo de discussão entre as confederações. O importante é dizer que é possível tratar, de maneira factível, os problemas visuais dos jogadores sem que isso atrapalhe a carreira. Pelo contrário. Esse

Foto: Divulgação



Leônicio Queiroz Neto

tratamento vai possibilitar, inclusive, melhora do desempenho dos atletas. O desenvolvimento da visão periférica (ou lateral) permite enxergar o que nos cerca e é essencial para uma boa defesa durante os jogos. Outra dica importante para os jogadores é saber qual é o seu olho dominante, isso por que esse olho transmite informações ao cérebro mais rapidamente e o posicionamento

do jogador que mantenha desobstruído o olho dominante lhe possibilitará a chance de boas finalizações.

Os times ficam atentos com a capacidade cardio-respiratória e ortopédica do atleta, mas desconhecem a cultura da boa acuidade visual. Em tempo: um em cada quatro jogadores entrevistados da Federação Paulista nunca havia feito exame de visão antes. ■

Uma doença genética: anemia falciforme

Por: Karin Schmidt Rodrigues Massaro, responsável pelo depto. de Hematologia do Hospital Santa Catarina e do Centro de Estudos Fanem

A anemia falciforme é uma doença genética causada pela presença da hemoglobina S (HbSS) em homozigose (expressão gênica máxima).

É caracterizada por anemia hemolítica (por destruição) crônica, susceptibilidade às infecções e episódios de oclusão dos vasos sanguíneos de repetição, associados às lesões orgânicas crônicas e crises dolorosas agudas. Entre todas as doenças falciformes (existem outros tipos), esta é a forma que apresenta maior gravidade clínica e hematológica além de ser a mais prevalente.

Estima-se que no Brasil há mais de 2

milhões de portadores do gene da anemia falciforme (só portador, sem a doença), desses, mais de 8 mil apresentam a forma grave (SS-expressão gênica dupla). Estima-se ainda que haja 700 a 1000 novos casos anuais de doenças falciformes, sendo, portanto, consideradas como importante problema de saúde pública. O gene S é originário da África e apresenta-se amplamente distribuído em todos os continentes, atingindo alta prevalência em população negra e seus descendentes. No Brasil, a distribuição do gene da anemia falciforme é heterogênea, sendo mais frequente nas regiões

Norte e Nordeste. Esta variação regional está relacionada com a contribuição dos grupos étnicos formadores.

A mortalidade de crianças menores de 5 anos atinge a porcentagem de 25% a 30%. Esses dados enfatizam a importância do diagnóstico precoce e instituição de tratamento correto para promover a redução nesse índice de mortalidade.

As opções de terapêuticas mais eficazes atualmente disponíveis são o transplante de medula óssea e a hidroxiuréia. O transplante, apesar de ser a medida curativa, quando dispõe de um doador compatível, é consi-

derado de alto risco por alta taxa de complicações e mortalidade.

A hidroxiuréia é uma droga utilizada em neoplasias hematológicas e constitui uma alternativa ao tratamento convencional. Atua aumentando a hemoglobina fetal que transporta melhor o oxigênio. Entretanto, possui efeitos colaterais tais como: diminuição das plaquetas, diminuição dos glóbulos brancos e predisposição às doenças malignas (leucemia, por exemplo).

As células afetadas (glóbulos vermelhos) apresentam o aspecto de foice, que não transporta bem o oxigênio e têm vida média de apenas 17 dias.

Além da predisposição às infecções pode ocorrer atraso do crescimento, úlceras nas pernas, "pedra na vesícula", acúmulo de ferro no organismo (pelas transfusões) etc.

A anemia falciforme é uma doença hereditária e não tem cura. Portanto, para diminuir as complicações e mortalidade é imprescindível o diagnóstico precoce, através de exames de sangue.

Seria muito bom que esse tipo de anemia tivesse o destaque merecido, após a edição, pelo Ministério da Saúde da portaria n. 822/01, que regulamenta a triagem neonatal de vários distúrbios hereditários, inclusive dessa doença. Além disso, as ações da Anvisa (2002) poderão contribuir para melhor divulgação da anemia falciforme e outras hemoglobinopatias para todos os profissionais. São sugeridas algumas condutas para prevenção e diagnóstico precoce:

- a)** Igualdade de oportunidade para o diagnóstico clínico e laboratorial das anemias hereditárias em todas as faixas etárias.
- b)** Inclusão do diagnóstico laboratorial das anemias hereditárias nos

Foto: Divulgação



Karin Schmidt Rodrigues Massaro

exames pré-nupciais e pré-natais, sem, contudo, induzir a qualquer prática de intervenção ilegal.

- c)** Formação de equipes multidisciplinares para praticar programas de educação, aconselhamento genético dos afetados, tanto com o traço (portador), como com a doença.
- d)** Sem ferir nenhum preceito ético ou

moral, sem induzir a qualquer idéia de eugenio ou de qualquer forma de segregação, e também sem invadir a privacidade do cidadão, seria fundamental começar a discutir o aprofundamento do estudo do hemograma, realizando o diagnóstico das anemias hereditárias, inclusive da anemia falciforme. ■

O desigualdade de renda é enorme

Por: Demetrius Trindade, da Redação

“O gênero e a raça não são questões de minorias no Brasil, estamos falando de uma ampla maioria da sociedade”

Relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgado em maio, mostra que o homem negro com a mesma qualificação e nível educacional recebe um terço menos do que o homem branco. A renda mediana para as negras foi de R\$ 316,00 por mês em

2005, contra R\$ 632,00 para homens brancos. Homens e mulheres negros ganham menos do que os brancos, sem importar o nível educacional. Mesmo com estes números, a pesquisa aponta que a desigualdade de renda entre brancos e negros no Brasil caiu.

“Mas a desigualdade caiu devido a sucessivos aumentos do salário mínimo, redução da inflação e declínio nos ganhos reais dos homens brancos, segundo o estudo. O Brasil também obteve progressos em políticas destinadas a reduzir a desigualdade racial”, afirma Laís

Abramo, diretora da OIT no Brasil. “Há muitos países que nem querem reconhecer a discriminação racial”.

A diferença entre as rendas de negros e brancos no Brasil caiu 31%, no período entre 1995 e 2005, de acordo com o estudo. “O gênero e a raça não são questões de minorias no Brasil, estamos falando de uma ampla maioria da sociedade”, completa a diretora.

O relatório ainda aponta que a luta contra a discriminação no mundo do trabalho registra importantes progressos, mas existe preocupação porque continua sendo significativa e persis-

tente com crescente desigualdade de rendimentos e oportunidades.

Trabalho e discriminação

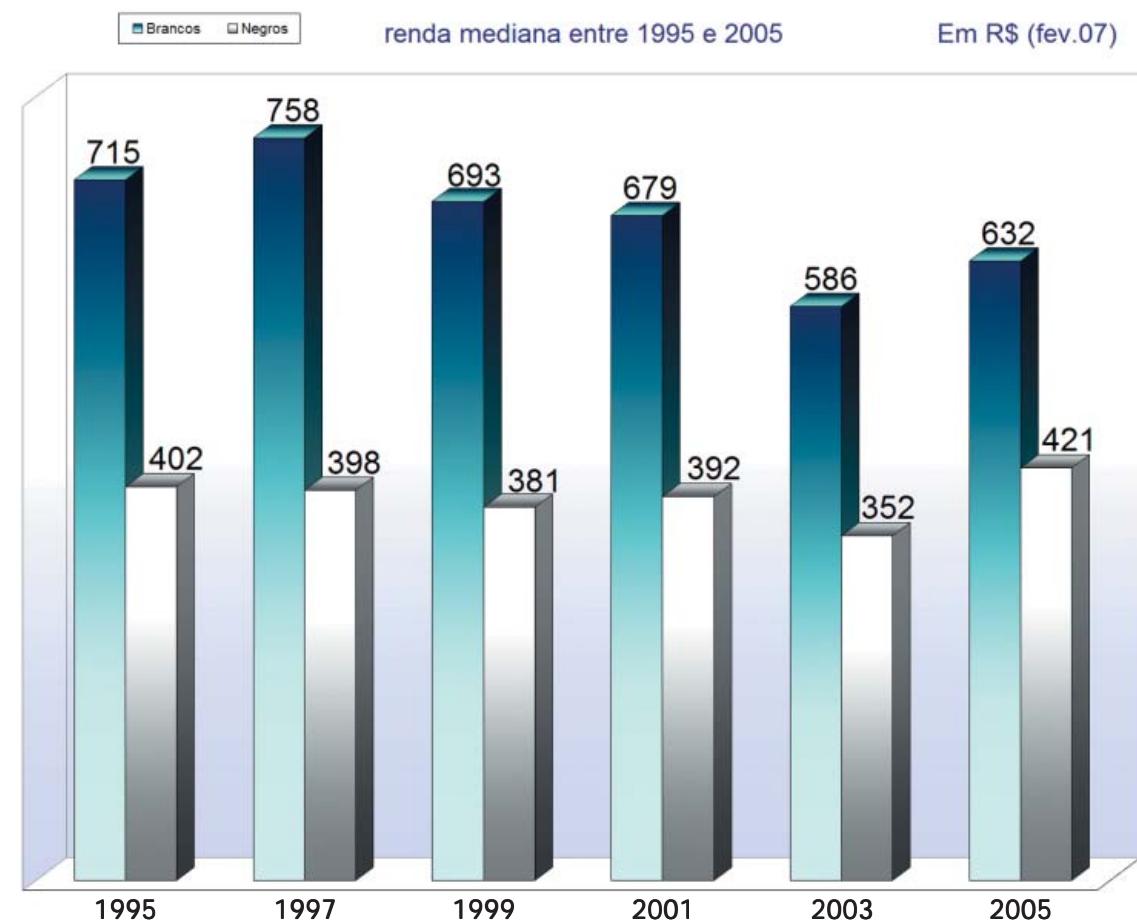
A diferença de rendimentos médios entre homens brancos e negros no Brasil caiu 32,6% entre 1995 e 2005. A redução, no entanto, não ocorreu apenas pela evolução da renda dos negros, mas, principalmente, pela queda do salário dos brancos.

No período analisado, o salário dos homens negros subiu 4,7%, passando de R\$ 402,00 para R\$ 421,00, em números corrigidos pela inflação. Já o dos homens brancos foi o único que caiu:

11,6%, passando de R\$ 715,00 para R\$ 632,00. O de mulheres brancas subiu 6% (de R\$ 447,00 para R\$ 474,00). O salário de mulheres negras aumentou 41% nos dez anos analisados, a maior alta registrada pela pesquisa. Mas continua sendo o segmento com menor rendimento: R\$ 316,00 em 2005, e R\$ 223,00 dez anos antes.

A diferença de salário entre homens brancos e negros era de R\$ 313,00 em 1995 e caiu para R\$ 211,00 em 2005. Entre mulheres brancas e negras, passou de R\$ 224,00 para R\$ 158,00, uma queda de 29,5%. ■

Salários de Brancos e Negros



Fonte: OIT

A cada momento, as pessoas em qualquer estágio de sua existência e independente de raça, religião, nacionalidade, nível social e cultural, têm de tomar decisões. Em algumas situações não é fácil ou agradável ter de decidir sobre alguma coisa. Decidir pode trazer consequências inesperadas e as implicações mais perigosas. No entanto, por mais fácil ou desagradável que seja tomar decisões é uma das tarefas mais cotidianas do gestor, a ponto de Herbert Simon (economista americano) afirmar: “Administrar é essencialmente tomar decisões”, e Peter Drucker (papa da ciência da administração) conclui: “Tomar decisões é a tarefa específica dos gestores”.

O processo de tomar decisão é a escolha consciente de uma linha de ação entre duas ou mais alternativas. É difícil imaginar uma atividade que não exija a tomada de decisão, mas as decisões variam em relação à sua importância para a situação em que devem ser tomadas. Contudo, independente da relevância e situação o processo de tomada de decisão compreende as seguintes etapas:

- **Descoberta do problema (situação, desafio):** Nem sempre o fato que nos leva ao processo decisório é um problema, em algum momento podem ser novos desafios ou velhas situações que foram contornadas há algum tempo;
- **Levantamento de Fato:** Ao descobrir o problema ou identificar o desafio, levantamos os fatos que são pertinentes ao que foi descoberto;
- **Diagnóstico do problema:** Em posse dos fatos mensurados e classificados iniciamos o processo de diagnóstico do problema, identifica-

mos corretamente os fatores determinantes do problema ou desafio;

- **Busca e análise de alternativas:** Neste momento já conhecemos o problema ou entendemos o desafio e vamos buscar as melhorias alternativas e soluções para resolvêmos o mesmo, neste momento técnicas como “Brainstorming” (tempestades de idéias), análise “SWOT” (Pontos

de ação): Em posse da solução, partimos para a implementação da decisão mais adequada. Mas para isso primeiro temos que elaborar um plano de ação detalhado e coerente para podemos colocar em prática nossa decisão;

- **Avaliação dos resultados:** E finalmente vamos avaliar e medir o resultado de nossa decisão (não se pode gerenciar o que não pode ser medi-



Por: Washington Grimas – Profº da Unipalmares, Consultor de Projetos de TI

fortes, fracos, oportunidades e ameaças) são ferramentas muito úteis;

- **Escolha de alternativa (decisão):** Após conseguir inúmeras idéias considerações e soluções selecionamos pelo menos as duas melhores, isso porque sempre temos que ter uma contingência (plano “B”) pronta para o caso da alternativa mais adequada para o momento não obter o resultado ou impacto esperado;
- **Implementação da decisão (plano**

do). É preciso saber quais foram a eficácia e impacto do resultado de nossa decisão e se efetivamente é a solução adequada e definitiva, caso contrário fazemos uso de nossa contingência e novamente implantamos e aplicamos nosso plano de ação.

Para fazer uso eficaz, objetivo e produtivo deste processo é necessário que o tomador de decisão recorra a sua capacidade de julgamento, criatividade, análise quantitativa e experiência

(profissional e pessoal), além de levar em consideração alguns fatores humanos que influenciam no processo de tomada de decisão, tais como: valores pessoais, percepção, dinâmica interna do tomador de decisões, administração do tempo e aspectos políticos e de poder. Também é necessário sabermos que as decisões são classificadas em duas categorias - programadas e não programadas - que têm as seguintes características:

- **Decisões programadas:** São caracterizadas pelas rotinas para as quais é possível estabelecer um procedimento padrão para ser acionado cada vez que ocorra sua necessidade. São decisões permanentes e caracterizadas por situações bem definidas, repetitivas e rotineiras e para essas decisões sempre existem informações adequadas e geralmente servem como guias de processo de negócios e atividades administrativas, tais como: objetivos, desafios, metas, políticas e procedimentos operacionais e de negócios.
- **Decisões não programadas:** São as decisões não estruturadas e caracterizadas basicamente pela novidade, isso porque não é possível estruturar o método padrão para serem acionadas dadas a inexistência de referências precedentes, ou então porque o problema a ser resolvido, devido a sua estrutura, é ambíguo e complexo, ou ainda porque é importante que sua solução implique a adoção de medidas específicas. Normalmente estão inseridas num contexto de ambiente dinâmico, que se modifica rapidamente com o decorrer do tempo. Temos que estar atentos também a fatores como informação, experiência empírica, grau de risco, recursos dis-

Foto: Divulgação



Washington Grimas

poníveis (financeiro, humanos, tecnológicos entre outros), ambiente (interno/externo), criatividade e ética entre outros, pois eles influenciam no processo decisório e devem ser mensurados e considerados. Tendo ciência e entendimento desses fatores, podemos "prever" ou conhecer os impactos relevantes ou não para a decisão que for tomada, por exemplo: congelamento de pagamentos, corte no quadro funcional, encerramento de atividades em uma unidade produtivo-administrativa. Esses impactos e suas consequências podem ser de curto ou longo prazos, imediatas ou combinação de todas como um impacto multidimensional.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é o medo de errar, porque, geralmente toda decisão gera uma mudança em maior ou menor grau. Gestores tradicionais tendem a ver toda a mudança com ceticismo e desconfiança. Além disso, qualquer mudança tende a se defrontar com alguma resis-

tância por parte das pessoas afetadas por ela, com isso surge algumas vezes no processo de tomada de decisão o medo de criar conflitos, o medo da reação da equipe e o medo de errar. E todos esses medos contribuem para desenvolver no gestor pouco experiente o medo de decidir. Esse medo pode ser reforçado por algumas crenças errôneas, como a tendência a acreditar que certas coisas acontecerão por si mesmas ou que o adiantamento de decisões tende a sempre melhorar a sua qualidade. É claro que algumas coisas específicas têm a sua hora certa de acontecer, mas não se pode ficar parado esperando esse momento.

Como podemos constatar, o processo decisório vai desde escolher pela manhã se vamos utilizar uma roupa com tons azuis ou verdes, até a situação de negociarmos um contrato comercial de milhões de euros e arcar com as consequências de nossas escolhas. Como já foi mencionado, todos os dias e a todos os momentos tomamos decisões. Mas para aquelas de âmbito empresarial e profissional, podemos contar com algumas ferramentas, procedimentos e processo que de certa forma são simples e objetivos, mas muito eficazes. Entre essas, por exemplo, a Regressão Linear, Árvore de Decisões e soluções tecnológicas da informação como os sistemas integrados SAD (Sistema de Apoio a Decisão) e SSE (Sistema de Suporte Executivo), além do mecanismo do próprio processo decisório. Como profissionais temos que buscar constantemente o aprendizado e o desenvolvimento de nossas competências como tomador de decisões fazendo uso de nossas experiências das pessoais e profissionais, mas a decisão para isso cabe apenas a você. ■

relações de trabalho no Brasil

Por: Márcio Juliano, Profº da Unipalmes

No governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso o artigo 618 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que colocava o acordo entre patrono e trabalhadores acima de qualquer aspecto garantido pelas leis trabalhistas, fomentou a discussão sobre a necessidade de uma reforma trabalhista e da flexibilização da CLT.

Agora no governo do Presidente Lula a emenda 3, intitulada como a “víla” que quer eliminar os direitos trabalhistas está sendo discutida no Congresso Nacional. Essa emenda reza sobre a possibilidade do empregador, ao ser autuado por contratar um prestador de serviços ao invés de um trabalhador com registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), aguardar a autorização da Justiça sobre a efetivação dessa autuação. Com a já conhecida morosidade jurídica do nosso País, exceto casos privilegiados onde existe a influência do poder econômico, essa postergação da autuação e a procrastinação do pagamento da multa contribuiriam de maneira significativa para o aumento dessa prática (contratação de prestadores de serviço).

A exigência do mercado por competitividade originou uma necessidade constante de revisão de custos para sua posterior redução. As organizações, preocupadas com a sua sobrevivência, manutenção ou expansão, estão buscando estratégias alternativas de transformar seus custos fixos em custos variáveis, partindo para a terceirização de seus processos e de parte de seus trabalhadores.

A terceirização é um processo que delega certas funções, em grande parte as operacionais de uma organização, a outras organizações prestadoras de serviços com a finalidade de aumentar a sua eficiência e manter o foco na sua verdadeira vocação, no seu *core business*. Esse processo de terceirização, se bem planejado e de acordo com os aspectos legais, é uma alternativa que pode realmente trazer redução de custos e aumento da qualidade e produtividade. Uma outra forma de terceirização, comum no Brasil, é a da mão-de-obra. Uma organização qualquer “negocia” com um ou mais trabalhadores um contrato de prestação de serviços, de maneira que o profissional, ou um

grupo de profissionais, passa a ter uma relação de trabalho diferente da regida pela CLT. O trabalhador abre mão de benefícios compulsórios, tais como o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), 13º Salário e Férias, por exemplo, em troca de um valor maior de remuneração e de uma contribuição menor à Previdência Social e ao Imposto de Renda. O trabalhador tem que constituir uma empresa e passa a responder ao contratante como pessoa jurídica. Essa prática é mais comum no nível gerencial de pequenas e médias empresas para atrair profissionais qualificados com menor custo para a organização e maiores rendimentos ao trabalhador.

No que se refere aos aspectos legais, e segundo o Superior Tribunal do Trabalho, a terceirização é permitida desde que para as atividades-meio de uma organização, ficando vetado o seu emprego para as atividades-fim. Isso significa, por exemplo, que uma Instituição de Ensino tem o direito de terceirizar serviços de cópias de documentos, de segurança, limpeza e conservação da sua edificação, porém, não pode terceirizar

seus professores, pois ensinar é a razão de existir desse modelo de negócios. Algumas outras condições para a terceirização devem ser consideradas ao adotá-la como prática. Uma delas diz respeito às relações de subordinação e hierarquia. Em momento algum a organização contratante poderá criar ou exigir submissões ou responsabilidades no gerenciamento de pessoas dos prestadores de serviço, assim, a contratante não pode dar ordens diretas aos terceirizado, ficando essa tarefa a cargo da contratada. Outro aspecto é solicitar que a prestadora de serviços faça um rodízio dos trabalhadores designados para as tarefas, pois a constância de um mesmo trabalhador pode configurar vínculo empregatício perante a justiça trabalhista. Outra prática que configura vínculo empregatício é a emissão do documento fiscal, pelo contratado, única e exclusivamente à organização contratante (exclusividade). Mais um aspecto a ser considerado em uma terceirização é a notificação formal (com firma reconhecida), da organização contratada pela contratante, sobre potenciais riscos de acidentes no local de trabalho.

Por fim, não se pode esquecer que, ao contratar uma empresa terceirizada, a contratante deve monitorar constantemente se as obrigações trabalhistas estão sendo cumpridas pela contratada, pois existe o risco dela ser acionada, como solidária ou subsidiária em casos de ações trabalhistas contra a contratada.

Uma possibilidade legal para aumentar a competitividade, mantendo os trabalhadores em regime CLT sem agredir os seus direitos adquiridos, é gerir o capital humano de maneira estratégica, com a utilização de meios de re-

muneração estratégicos. Essa é uma maneira, sem custos à organização, de aumentar a remuneração dos seus trabalhadores com um respectivo programa de melhoramento contínuo, aumentando a qualidade e a produtividade do trabalho e a satisfação dos trabalhadores. Não se trata de mágica, mas sim de um sistema de remuneração variável que premie as ações concretas que efetivamente produzam ganhos para a organização.

Associar esse tipo de remuneração estratégica (variável) com menores salários fixos pode ser uma boa alternativa para gerar competitividade e inovação a um custo relativamente mais baixo, sem aumentar a assimetria da relação Capital X Trabalho. De qualquer modo, a discussão sobre mudanças nas leis trabalhistas não deve ser iniciada com a questão se elas (as mudanças) devem ou não ocorrer, mas sim em que sentido elas ocorrerão. Sabemos que algumas categorias de trabalhadores encontram na terceirização uma alternativa a CLT por total engessamento de suas atividades, tornando obsoleta a sua empregabilidade frente às exigências de sua profissão. Sabemos também que alguns empresários, na ânsia de lucros obtidos de qualquer maneira (inclusive ilícita) oprimem trabalhadores, desrespeitando seus direitos. Uma nova regulamentação das relações de trabalho no Brasil é prioritariamente necessária. Uma estimativa realizada pelo Banco Mundial indica que a economia brasileira apresenta 40% de informalidade,

Foto: Divulgação

*Márcio Juliano*

o que significa uma considerável perda de arrecadação de impostos e encargos sociais para o nosso governo. Segundo um estudo realizado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT) a inserção de 3% de trabalhadores informais no mercado de trabalho formal seria suficiente para zerar o déficit da Previdência Social.

Portanto, uma maior quantidade de trabalhadores formais, sejam as suas relações de trabalho regidas pela CLT ou por um contrato de prestação de serviços, terá como consequência uma maior contribuição para o Estado, de modo que a inserção formal desses contribuintes se transformará em uma das opções para equilibrar a arrecadação e angariar parte dos recursos para os investimentos necessários para o desenvolvimento sustentável e a consolidação do nosso País como uma potência mundial.



glossário eleitoral francês

Por: Paulo Edgar Almeida Resende, Coordenador do Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional – PUCSP

O Conselho Constitucional francês concedeu registro a 12 candidatos para concorrer às eleições presidenciais. Disputaram o 2º turno *Nicolas Sarkozy*, e a *Ségolène Royal*. A candidata do Partido Socialista propôs um *pacto presidencial*, com 100 propostas. Mereceu destaque em seu glossário eleitoral o *recall*, visando a temperar a democracia representativa com pitadas de democracia participativa. Seu discurso em torno de *valores da ordem e do trabalho* lhe valeu contudo a acusação de deriva à direita. No primeiro turno, despontou como azarão o centrista *François Bayrou*, antigo ministro da Educação. Opõe-se à clivagem direita-esquerda. O líder da *Frente Nacional*, extrema-direita, *Jean-Marie Le Pen*, teve presença apagada em sua 5ª. corrida ao *Eliseu*. Em 2002 eliminou o socialista *Lionel Jospin*, e, de modo surpreendente, chegou ao 2º turno. Com presença irrisória no pleito, a comunista *Marie-George Buffet*. *Dominique Voynet*, candidata dos Ver-

des falou de *ecologia política*. Foi ministra do Ambiente de 1997 a 2001. *Frédéric Nihous*, candidato do grupo *Caça Pesca Natureza Tradições CPNT*, defendeu a *ruralidade* contra a *Europa federal e liberal* e o *intreguismo ecologista*. *Olivier Besancenot*, candidato da *Liga Comunista Revolucionária (LCR)*, denunciou a política da direita, mas também os sociais-liberais do PS. *Arlette Laguiller*, candidata da *Luta Operária*, disputou a presidência pela sexta vez. *Philippe de Villiers*, presidente do *Movimento pela França (MPF)*, arauto da *soberania nacional*, defende a *imigração zero* e a *Europa das nações*. *Gérard Schivardi*, artesão e conselheiro municipal, candidatou-se com apoio do Partido dos Trabalhadores (PT). O candidato *José Bové*, líder camponês, celebreidade do movimento anti-globalização, consagrou-se com a luta contra a *globalização e os produtos transgénicos*.

Nicolas Sarkozy, 52 anos, advogado de formação, candidato pela *União por um Movimento Popular, UMP* sucede o conservador *Jacques Chirac*. Teve relação tensa com *Chirac*, desde que apoiou seu rival, *Edouard Balladur*, nas eleições de 1995. Além de Ministro do Interi-

or, cargo de que se afastou pouco antes das eleições, já foi Ministro da Economia. Sua proposta de criação do *Ministério da Imigração e da Identidade Nacional* provoca críticas, que explicita a incorporação, em seu plano de governo, de crescente discriminação de imigrantes na *União Européia* em geral. No que interessa ao Brasil, não há indício de que vá rever a política agrícola protecionista de *Jacques Chirac*. A surpresa está na escolha de seu Ministro das Relações Exteriores, o socialista e fundador da entidade *Médicos Sem Fronteiras*, *Bernard Kouchner*. Como hipótese, pode ser levantada a tática de atrapalhar o Partido Socialista na campanha às eleições legislativas de junho próximo, isentando-se da pecha de ser chefe da direita, ao colocar em seu gabinete líder estudantil da rebelião de 1968. *Kouchner* foi do Partido Comunista, passou para o Partido Socialista e participou da campanha de *Ségolène Royal*. A pecha de *Sarkozy* reitera a predominância dos partidos de centro na *União Européia*, preocupados com a questão migratória e dispostos a erodir tentativas de críticos do neo-liberalismo. ■



Todos os brasileiros com Educação de qualidade até 2022. Assuma este compromisso.

O Todos Pela Educação é uma aliança da sociedade civil, da iniciativa privada e de gestores públicos da Educação, com o propósito de mobilizar e promover o Brasil para que até 2022, no bicentenário da Independência, todas as crianças e jovens tenham acesso a uma Educação básica de qualidade.

Educação é poder.
É poder ler o que está à nossa frente.
Poder escrever nossa história.
Poder decidir nossos passos.
Poder ensinar a pensar.
Poder entender o mundo e saber mudá-lo.
Educação é poder crescer.

Um país ignorante não tem poder.
É escravo de si mesmo, condenado eternamente à dependência.
Só a Educação liberta.
Uma Educação de qualidade para todos os brasileiros, sem exceção.
Cada um de nós precisa se comprometer com as 5 metas da Educação, para que em 7 de setembro de 2022, o Brasil possa comemorar a verdadeira independência.

Isto não é um sonho. É um compromisso:
TODOS PELA EDUCAÇÃO.

METAS

Em 7 de setembro de 2022:

- 1 - todas as crianças e jovens de 4 a 17 anos estarão na escola;
- 2 - toda criança de 8 anos saberá ler e escrever;
- 3 - todo aluno aprenderá o que é apropriado para sua série;
- 4 - todos os alunos vão concluir o Ensino Fundamental e o Médio;
- 5 - o investimento na Educação Básica será garantido e bem gerido.



TODOS PELA EDUCAÇÃO

Você também pode ajudar a mudar a história da Educação brasileira. Entre no site www.todospelaeducacao.org.br.

ONU e LBV: os oito objetivos do milênio*

*Por: Paiva Netto, Jornalista, Radialista e Escritor.
É Diretor-Presidente da Legião da Boa Vontade.*

Os Oito Objetivos do Milênio estabelecidos pelos 191 países membros da Organização das Nações Unidas, em 2000, cuja implementação está programada para ocorrer até o ano de 2015, foram tratados com especial apreço na 1^a Feira de Inovações Rede Sociedade Solidária, promovida em março pela Legião da Boa Vontade (LBV), em várias capitais brasileiras e em Buenos Aires/Argentina, com o suporte da ONU. A ela se refere a Dra. Michele Fedoroff, Chefe Adjunta da Seção de ONGs/Departamento de Assuntos Socioeconômicos da ONU, em correspondência que muito nos honra, data da de Nova York, 27/3/2007: “(...) Em nome do meu Departamento e da senhora Hanifa Mezoui, Chefe da Seção de ONGs, representei as Nações Unidas em

alguns desses encontros e foi um grande prazer a oportunidade de encontrar-me com o senhor e ter uma frutífera troca de opiniões sobre temas que serão debatidos no Conselho Econômico e Social, em sua próxima sessão (...). Esse evento, a AMR Innovation Fair, que o Ecosoc realizará em julho, na Reunião do Alto Segmento das Nações Unidas, em Genebra, Suíça, contará com a presença de chefe de Estado, conselhos ministeriais e demais participantes. Consoante recentemente declarou a sra. Hanifa, “eles desejam ver o que tem sido feito em âmbito internacional. E aqui está a LBV, com status consultivo geral (na ONU) desde 1999, conquistando seu lugar e trazendo tudo isto”.

Trata-se de despretensiosa mobilização da LBV, com a Rede Sociedade Soli-

dária, nesse contexto mundial em foco. Em documento que estará na AMR Innovation Fair, reafirmamos que a Solidariedade hoje se expandiu do lúmioso campo da ética e se apresenta como uma estratégia, de modo que o Ser Humano possa alcançar a sua sobrevivência. À globalização da miséria, contrapomos a globalização da Fraternidade, que espiritualiza a economia e solidariamente a disciplina, como forte instrumento de reação ao pseudofatalismo da pobreza. (...) Não se espera um repentina milagre, mas o fortalecimento de um ideal que se estabelecerá, etapa por etapa, até que se complete o seu extraordinário serviço. Constitui, porém, assunto urgente. Então, começemos o ontem. O bom desafio faz bem a todos. (...)

Na minha página “Conhecimento espiritual gera fartura” constante do ensaio literário *O Capital de Deus*, comento: Nestes tempos de globalização de benefícios mal distribuídos, principalmente para a multidão incontável dos “sem-acesso”, como os denomina o jornalista Francisco de Assis Periotto, toda nação tem o dever, mais do que o direito, de ser criativa, de tornar-se economicamente estável, expandindo sua indústria, seu comércio e serviços; de modernizar a instrução e a educação de sua gente (a tudo iluminando com o toque da Espiritualidade, que depreende ética no seu mais exalçado sentido e correspondente ação), sua rede de comunicações e de transportes; de buscar a integração harmônica com os demais povos; e de atingir internacional prestígio. É o óbvio, mas, por essa mesma causa, deve ser proclamado. Fora disso, vigora a barbárie que por aí vemos – a cada dia menos disfarçada – e que, por mais incrível que pareça, a maioria talvez não a meça devidamente, pois há um minucioso esforço para mantê-la distraída, como na era dos césares romanos. Entretanto, com certeza, ela cada vez mais irá percebendo os perniciosos efeitos. Isso é fatal. Apenas uma questão de tempo.

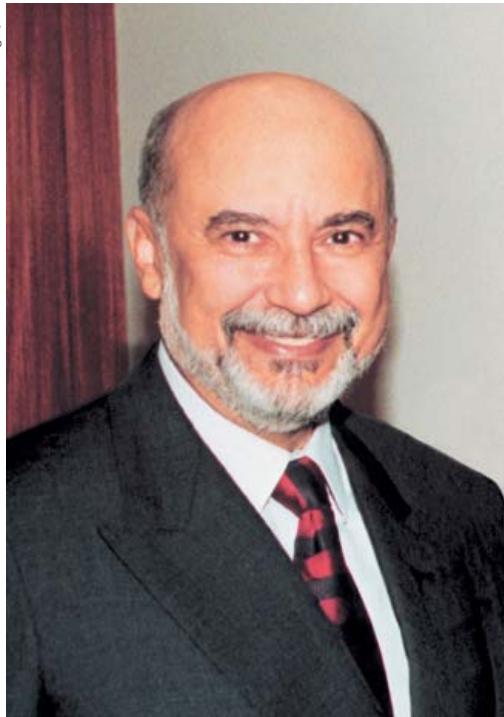
A atual necessidade de plantar a couve e o carvalho

Nenhum dirigente pode fazer coisa alguma sozinho. Carece do apoio da sociedade. Todavia, o mínimo que se espera é que governe para seu povo, para a sua empresa, respeite sua comunidade, ame sua organização, e assim por diante. O Homem de visão abrangente sabe garimpar as almas, não em proveito próprio, o que é um crime, porém em prol da coletividade. Eis o sacerdote que

pastoreia com zelo o seu rebanho; o político de amplo descortino; o estadista que, por vezes, os contemporâneos não entendem, mas que o porvir abençoa. Em 29 de março de 1985, escrevi em “A Nova República e Jesus”, publicado no antigo *Jornal da Manhã*, de São Paulo:
 (...) Rui Barbosa (1849-1923), o notável civilista brasileiro, de renome internacional, convida-nos à meditação com estes conceitos de tão profundo alcance: “Enquanto Deus nos dê um resto de alento, não há que desesperar da sorte do Bem. A injustiça pode irritar-se, porque é precária. A Verdade não se impacienta, porque é eterna. Quando praticamos uma ação boa, não sabemos se é para hoje ou para quando. O caso é que seus frutos podem ser tardios, mas são certos. Uns plantam a semente da couve para o prato de amanhã; outros, a semente do carvalho para o abrigo do futuro. Aqueles cavam para si mesmos. Esses lavram para o seu país, para a felicidade dos seus descendentes, para o benefício do gênero humano”.

Nos complexos tempos atuais, prezado Rui, há que se fazer os dois serviços em paralelo: plantar a semente do carvalho, cuja sombra acolhedora se projetará sobre as gerações posteriores, e semear o alimento de agora, contudo para as barrigas vazias, porque ainda hoje ressoa a advertência de José do Patrocínio (1853-1905): “Enquanto houver um brasileiro passando fome, somos um povo querido, quando devia chorar (...).” E o saudoso jornalista, radialista e Fundador da LBV, Alziro Zarur (1914-1979), com-

Foto: Divulgação



José de Paiva Netto

pletava: “... chorar de vergonha!”.
 (...) Enquanto os governos não chegam às “soluções definitivas” para a miséria, que cada um faça mais do que puder – e não o deixe de realizar – pelo seu semelhante, pondo em ação o poderoso espírito de Caridade, tão apregoado e vivido por Jesus e outros luminares da História não somente religiosa. O amadurecimento da Alma irmana as criaturas, concomitantemente, as culturas terrenas. Por questões tais, mesmo que chegado o dia em que todos os problemas sociais sejam resolvidos, a Caridade será tão necessária quanto agora, porquanto é sinônimo de Amor. E sem ele ninguém vive, pois é o alimento do Espírito. Até porque as cidadãs e os cidadãos, além do bom termo para os assuntos da alçada de Estado, andam à procura da solução de seus dilemas humanos. ■

*Parte I – Continua na próxima edição

a

saúva do século XXI

Por: Rosenildo Gomes Ferreira, Repórter da revista IstoÉ DINHEIRO

Quem tem mais de 30 anos, por certo, já deve ter ouvido falar no bordão imortalizado pelo escritor Monteiro Lobato: “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil”. O ditado referia-se à feroz capacidade predatória deste inseto, apto a destruir plantações ou inutilizar a terra para a prática agrícola. Não sei quando estas sábias palavras foram proferidas, contudo, tenho certeza que a saúva satanizada por Lobato, nos idos das décadas de 40 ou 50, hoje tem outro nome: impunidade. Não passam 15 dias sem que revistas, jornais e emissoras de TV abram espaços generosos para divulgação de casos de corrupção envolvendo funcionários públicos e políticos. A onda da vez são as operações conduzidas por uma agência específica, como a Polícia Federal, ou uma força-tarefa reunindo homens de vários departamentos, incluindo até mesmo o Ministério Público. O problema é que quando se desligam os holofotes da imprensa, pouco resta. As 10, 20, 30 prisões resumem-se na reclusão de meia-dúzia de “bagres” que não têm acesso a bons advogados ou aceitam fazer o papel de “laranja”, assumindo a responsabilidade por tudo. Mesmo que lhes imputem a “queda do Muro de Berlim”.

Nesse ambiente de perplexidade ao qual nós, cidadãos honestos somos submetidos, restam apenas o sentimento de frustração e muitas indagações: 1) A Justiça, tão célebre na hora de liberar seus pares da cadeia é a mesma que leva 10, 15 e até 20 anos para fazer valer direitos de aposentados, viúvas ou pobres de um modo geral, que tentam enfrentar a máquina do Estado?

2) A Polícia, tão diligente na hora de proteger as finanças públicas, é a mesma que deixa inquéritos inconclusos quando o tema é a morte de pessoas pobres da periferia?

Infelizmente a resposta é sim. Em meados de maio, a Polícia Federal (sempre ela!) deflagrou uma mega-operação para prender políticos, empresários e servidores federais acusados de desvio de verbas públicas. O caso envolvia uma construtora que tinha um eficiente esquema de assalto aos cofres públicos, por meio do Orçamento Geral da União. Pano rápido. Alguém aí se lembra da Máfia dos Anões do Orçamento, desmascarada em 1992? Pois é. O *modus operandi* continua o mesmo. Mudam-se os personagens e a trilha sonora. Mas a ópera continua bufa! E é fácil entender o porquê. Como a Justiça nunca alcança esses indivíduos,

Foto: Divulgação



Rosenildo Gomes Ferreira

muito menos o patrimônio deles, vale a pena continuar roubando, enganando e tergiversando. Se você está em apuros com a lei, basta “descolar” um mandado parlamentar e, bingo! Ganhou um salvo-conduto para o passado, o presente e, quem sabe, até mesmo o futuro. Trata-se, como dizem os rapazes do Casseta e Planeta, de um “personal salvêitor para qualquer ocasiêitor!”.

O show de eficiência de algumas ações policiais, carimbadas com nomes sugestivos (Navalha, Saúva, Hurricane, Mosaico, Anaconda e Afrodite), rendem jornal, saliva, holofotes e honorários para os causídicos de plantão. Mas pouco, muito pouco para a construção da cidadania plena. A saúva chamada impunidade é fruto de um sistema desenhado exatamente para não dar certo. Cuja gênese é direcionar a força da Lei e os rigores da Lei apontados sobre a cabeça da “raia miúda”. Não é segredo para ninguém que as saúvas do século XXI (ao contrário daquelas que povoavam o desespero do gênio Lobo) têm nome, sobrenome e diploma na parede. Resta saber se nós, cidadãos honestos, vamos permitir que a cidadania seja derrotada por essa praga vil. ■

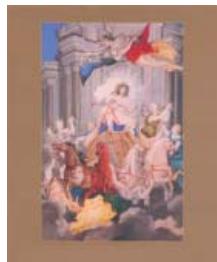
Agenda Cultural

O melhor da programação em artes e cultura

Por Rodrigo Massi - agendacultural@afrobras.org.br



Artes Visuais



"Imagens do Soberano. Acervo do Museu de Versalhes". A mostra é formada por 59 obras provenientes do Palácio do Versalhes e quatro do MASP. A exposição procura mostrar a transformação da imagem real durante os reinados absolutistas de Luis XIV, XV e XVI. **Onde:** Pinacoteca do Estado (Praça da Luz, s/nº). **Quando:** de terça a domingo, das 10h às 18h. Até 05 de agosto. **Mais informações:** (11) 3228-9844.



"80/90 Modernos Pós Modernos e etc". Com curadoria de Agnaldo Farias, a exposição reúne artistas surgidos nas décadas 80/90 que, no conjunto de suas realizações, contribuíram para a consolidação da maturidade artística no Brasil. **Onde:** Instituto Tomie Ohtake (Av. Brigadeiro Faria Lima, 201). **Quando:** de 25 de maio a 15 de julho de 2007. De terça a domingo, das 11h às 20h. **Entrada gratuita.** **Mais informações:** (11) 2245-1900.

Divulgação FAAP/Bob Gruen



"Bob Gruen". A exposição apresenta seleção de imagens da história do rock'n'roll feitas pelo célebre fotógrafo americano Bob Gruen. Destaque para as fotos de John Lennon durante a permanência deste em Nova York. A curadoria da mostra é do cantor Supla. **Onde:** Museu de Arte Brasileira da FAAP (Rua Alagoas, 903). **Quando:** de terça a sexta, 10h às 20h; sábado, domingo e feriados, 13h às 17h. Até 1º de julho. **Entrada gratuita.** **Mais informações:** (11) 3662-7198.

Teatro



Foto: Divulgação SESI/João Caldas

O espetáculo "Fronteiras", em cartaz no Mezanino do Centro Cultural FIESP, apresenta diversos aspectos sobre o tema fronteiras (individuais, geográficas, de linguagem e do corpo). Direção: Newton Moreno. **Onde:** Teatro Popular do SESI (Avenida Paulista, 1313). **Quando:** até 05 de agosto. De quinta a sábado, às 20h30, domingo, às 19h30. Duração: 80 min. **Entrada gratuita.** Capacidade: 456 lugares. **Mais informações:** (11) 3333-7511.

de fato e de direito

*Por: José Vicente, Presidente da
Afrobras e Reitor da Unipalmes*

Foto: Divulgação



José Vicente

Expressão comumente utilizada no linguajar trivial do nosso País traduz uma qualidade consagradora de uma situação inequívoca. Aquela que, por natureza, não pese qualquer dúvida sobre sua realidade, legitimidade e existência material e formal no mundo social.

Sabidamente, é princípio comezinho da regulação da vida social que, de fato, o que vale mesmo é a norma jurídica, o direito: “ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei”.

É certo, porém, que não são poucas as situações ou acontecimentos que promovem a certeza factual. Não encontram lugar no nosso ordenamento político legal, mas não deixam de convi-

ver cotidianamente do nosso lado, confirmando sua existência e materializando a certeza da sua realidade.

São assim, aquelas situações das quais temos convicção da normalidade de seus fundamentos e da convergência de seus resultados, os quais, em regra, podem testemunhar visualmente a ocorrência ali mesmo, na nossa frente, da confirmação da assertiva e da verdade da sua informação.

Quem em um jogo de várzea não se deu a vaticinar sobre os novos pelés e garrinhas surgidos em cada partida de incontáveis pés-descalços. Que não viu tanto Michael Phelps, quebrando todos os recordes de natação naqueles córregozinhos do interior. Quem nunca jurou ter visto um verdadeiro tufão Carl Lewis atravessando ileso entre carros e caminhões correndo atrás de pipas ou balões por entre calçadas e quintais das nossas cidades.

No mais das vezes, quando não nós mesmos, muitas dessas pessoas eram um dos nossos entes queridos e, quem via apaixonadamente cada um desses personagens era sempre a nossa lente meio torta, que, de antemão, transformava cada um deles, ali mesmo em nossos campeões.

Ou seja, antes de acontecer, antes de tornar realidade, é preciso gente para acreditar, para torcer, até para distorcer e an-

ticipar os resultados. Se tem alguma coisa que, efetivamente pode tornar realidade mesmo o irreal, isso é a inexplicável capacidade do ser humano de sonhar, acreditar e levar adiante essa convicção. Assim como no esporte, em muitas outras áreas para a obtenção da vitória, é indispensável nortear-se a ação pela disciplina, preparação, determinação, constância, trabalho em equipe e crença no alcance dos objetivos. Pode-se não chegar a vitórias, mas serão imperativos para que, ao menos, se sonhe com ela.

Hoje estou escrevendo para comunicar-lhes uma grande vitória de todos nós. Sonhamos coletivamente com esse dia, por muito tempo, e, por muito tempo acreditamos que ele chegaria. Trabalhamos por ele e o vimos materializado em cada um dos momentos mais importantes da nossa trajetória.

Ele sempre acompanhou nossa trajetória, agora é uma verdade real, legal e sacramentada. Aprovado pelo Ministério da Educação e Aprovado e Recomendado pela Ordem dos Advogados do Brasil, anunciamos a todos a criação e a instalação da primeira Faculdade de Direito do País, focada no valor e trajetória do Negro Brasileiro: a Faculdade de Direito da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares.

De fato e de Direito, uma grande conquista de todos os Brasileiros. ■

UNIPALMARES, CAMPUS BARRA FUNDA. MAIS OPORTUNIDADE PARA VOCÊ.

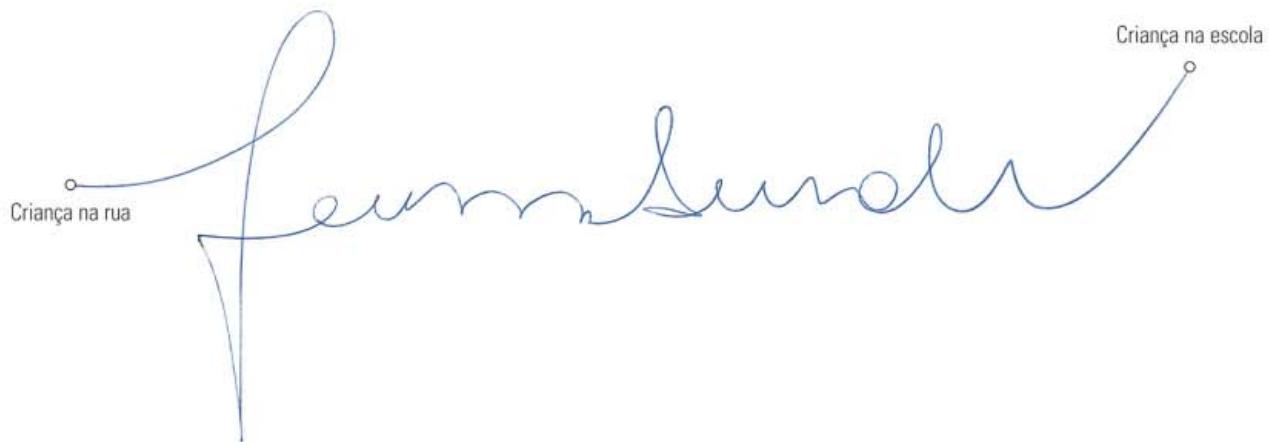
A Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares acaba de inaugurar seu novo campus, o campus Barra Funda, um espaço de 15 mil m², com instalações amplas, modernas e confortáveis, que aumenta a capacidade de 2.000 para 5.000 alunos. A Unipalmares é a primeira instituição de ensino superior, na América Latina, voltada para a inclusão do negro. Uma universidade completa, diferente de todas as outras, a Unipalmares reserva 50% das suas vagas para negros, promovendo a integração, o diálogo e a diversidade. Com o novo campus, a Unipalmares se afirma como um projeto vitorioso, uma prova de que, com trabalho e dedicação, é possível colocar a Educação ao alcance de todos os cidadãos, principalmente daqueles historicamente excluídos.



UNIPALMARES
UNIVERSIDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES
SÃO PAULO - BRASIL

Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares
Rua Padre Luís Alves de Siqueira, 640 - Barra Funda
11 3392-6005 www.unipalmares.org.br

Realização: Afrobras - Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural



Cartão Instituto HSBC Solidariedade.*
Peça o seu e ajude muitas instituições.

www.porummundomaisfeliz.org.br
 INSTITUTO HSBC
SOLIDARIEDADE